

6.1. Riscos e sua Manifestação na Região Autónoma da Madeira

Os acidentes naturais e induzidos pelo Homem têm um carácter excepcional e por norma são imprevisíveis. Em alguns casos, os acidentes resultam claramente da actividade humana, noutros é muito difícil distinguir as causas naturais das causas directas ou indirectamente induzidas pelo Homem. As grandes catástrofes resultam da combinação de diversos factores, que normalmente incluem causas humanas, quer devido aos desequilíbrios provocados nos sistemas naturais, quer pela falta de uma gestão adequada dos riscos.

Na Região, alguns tipos de risco têm uma probabilidade de ocorrência muito baixa e são praticamente imprevisíveis, como por exemplo os sismos, uma vez que a actividade sísmica é muito reduzida. Outros manifestam-se com frequência e de alguma forma podem ser antecipados e prevenidos, como acontece com as inundações e os fogos florestais. As catástrofes assumem normalmente grandes proporções, em danos humanos, ambientais e económicos. Dauphiné (2001) refere três graus de catástrofe, sendo que no grau mais baixo tem se verificar pelo menos 100 mortos, para que possa ser denominado de catástrofe.

No entanto, como ocorrem de forma esporádica, tendem a ser esquecidos e alguns erros praticados pelo homem, que estiveram na sua origem, voltam a repetir-se, sobretudo, ao nível da prevenção e da disponibilidade dos meios de actuação. Os riscos naturais e induzidos pelo Homem apresentam uma grande diversidade e um carácter multi-sectorial, dependendo muito de local para local. Na Região, são considerados mais relevantes os riscos derivados das condições meteorológicas e associados às características geomorfológicas da ilha da Madeira, como as cheias rápidas, os deslizamentos e desabamentos, e as tempestades, embora os fogos florestais e os derrames de hidrocarbonetos no mar, pelos prejuízos que podem causar, mereçam também grande destaque. São ainda de considerar os riscos associados ao transporte de substâncias perigosas, os acidentes industriais graves e os sismos, embora estes últimos tenham uma incidência ou uma probabilidade de ocorrência reduzida. O risco vulcânico também deve ser considerado, pois e segundo Prada (2000), a ilha da Madeira atravessa um período de inactividade eruptiva, por ainda existir actividade vulcânica secundária incipiente. Conclusões que resultam, das análises recolhidas aquando da abertura do túnel rodoviário Rosário/Serra de Água e da galeria da Fajã da Ama, onde foram encontradas, associadas a falhas, nascentes de água quente, com elevados teores de CO₂ livres. As referidas análises demonstraram existir CO₂ em grande quantidade (cerca de 8%) e a persistência da saída de gases ao longo da falha, indica não se tratar de gases acumulados nas rochas, mas sim, associadas a uma manifestação vulcânica incipiente.

A Região tem sofrido acidentes importantes, alguns dos quais originados ou agravados pela acção do Homem, com perdas de vidas humanas, alterações ambientais e avultados prejuízos materiais, o que justifica a abordagem com especial atenção por todos aqueles que gerem o território.

Os problemas mais comuns estão relacionados com as cheias rápidas, que, ao longo da história da Madeira, se têm revestido de aspectos trágicos.

Na Madeira os cursos de água têm características muito especiais, que, associadas à geologia e à orografia da ilha (extensões pouco superiores à dezena de quilómetros, que descem de altitudes elevadas e que apresentam declives entre os 30% e os 40%, na parte superior, e de 4% a 10%, próximo do nível do mar), os dotam de enorme torrencialidade. A degradação dos cobertos florestais, em algumas bacias hidrográficas da região, acentua a erosão e a torrencialidade, agravando desse modo, os riscos a que a ilha está exposta.

No intuito de reduzir os riscos de inundações tem-se trabalhado na manutenção dos leitos das ribeiras que atravessam os concelhos. “Este esforço tem por objectivo evitar a acumulação de inertes e resíduos, bem como, os estrangulamentos. Nesse contexto, tem-se realizado trabalhos de reflorestação, que se revestem de extrema importância para atenuar os riscos de cheias rápidas (Quintal, 1999).

São também de referir as canalizações de algumas ribeiras na ilha da Madeira, sobretudo nos troços finais, para reduzir os riscos de inundações em aglomerados urbanos. No entanto, ainda existem algumas situações preocupantes, devido a construções nos leitos das ribeiras e a outros estrangulamentos. Em certos casos, uma conjugação de circunstâncias, como a extensão das bacias hidrográficas, a existência de núcleos urbanos abaixo do nível do mar e a impermeabilização dos solos a montante podem estar na origem ou agravar os prejuízos de algumas inundações. Para além das possibilidades de transbordo das ribeiras, refira-se que as estradas têm tendência a concentrar os caudais das águas pluviais excedentes em períodos de chuvas fortes, constituindo verdadeiras ameaças a alguns núcleos urbanos litorais. Com um elevado grau de exposição a este tipo de riscos, pode-se referir a vila da Ribeira Brava e a cidade de Machico.

Geologicamente, os basaltos que constituem a estrutura da ilha da Madeira são caracterizados pela abundância de fracturas, o que associado à morfologia acidentada, dá origem a desabamentos, principalmente em períodos de chuvas e nas zonas de maior declive. A este tipo de movimentos de vertente, juntam-se os deslizamentos de terras, que têm vindo a causar prejuízos materiais e humanos, muitas vezes associados às cheias. Os desabamentos, para além dos danos directos, podem, dependendo da sua localização, contribuir para

augmentar o caudal sólido dos cursos de água, pelo que, depois de uma chuvada intensa, o leito de um curso de água pode subir 3 a 4 metros em pouco tempo, ficando desse modo assoreado e agravando drasticamente os riscos de cheia. Incluídos ainda no conjunto de riscos associados às condições climáticas, temos as vagas alterosas e os ventos fortes têm sido também, com alguma frequência, causa de acidentes e estragos significativos, registando-se, por exemplo, a danificação de construções na orla costeira, a queda de árvores e postes, a destruição de algumas culturas, entre outros.

Os incêndios florestais são, também, muito frequentes nas serras da ilha, sobretudo na floresta introduzida, em grande parte devido à falta de limpeza dos terrenos. O abandono da agricultura nas zonas de transição urbano/florestal constitui um risco de propagação de incêndios para a floresta ou a partir da floresta para as áreas urbanas.

Os incêndios ocorrem normalmente no Verão e acarretam prejuízos muito difíceis de estimar, pois para além da destruição do coberto vegetal (que pode durar muitos anos a recuperar), acentuam os efeitos da erosão dos solos, influenciando o equilíbrio hidrológico e aumentando os riscos de cheias rápidas.

Quanto aos derrames acidentais de hidrocarbonetos no mar, embora só tenha acontecido um grande desastre na Região, em Janeiro de 1990, que afectou sobretudo a ilha do Porto Santo, a exposição a este tipo de acidentes é bastante elevada, devido ao grande número de embarcações que circulam nas águas territoriais da RAM, e as estruturas regionais não se encontram preparadas para combater uma "maré negra", no sentido de minimizar os seus efeitos. Para além dos danos ecológicos, representa igualmente prejuízos económicos e sociais incalculáveis, que podem ser irreversíveis ou demorar muitos anos a recuperar, especialmente num destino turístico como é o arquipélago.

No que refere aos riscos de acidentes industriais graves, embora não haja identificação de ocorrências de grande relevo, a informação sobre os riscos é escassa, designadamente no que diz respeito ao manuseamento de substâncias perigosas e ao seu armazenamento, especialmente em zonas urbanas. A falta de identificação e controle pelas entidades competentes constitui, um risco agravado em caso de acidente. Quer pela falta de informação sobre a identificação dos riscos, quer pelos meios adequados de intervenção.

Relativamente aos sismos, embora a Região Autónoma da Madeira esteja numa zona de baixa sismicidade, devem ser considerados como risco.

Apesar das características vulcânicas, os sismos são raros, desde o povoamento da região. O sismo de maior intensidade foi o de 31 de Março de 1748, com três abalos sucessivos. Segundo depoimentos da época, “viu-se na parte Leste da ilha, uma grande facha

de fogo e um clarão que se conservou um quarto de hora, aquecendo extraordinariamente o ar” (Silva e Menezes, 1997).

Existem outros tipos de acidentes que podem acontecer, por exemplo, queda de árvores, queda de aeronaves, colisão ou despiste de veículos de transporte de substâncias perigosas, havendo inclusivamente registo de algumas ocorrências, queda de materiais afectos às empresas de electricidade da madeira (EEM) e empresa de telecomunicações (TELECOM) postes e linhas transporte e distribuição de energia eléctrica e linhas de telecomunicações. Para além destes, existem muitos outros riscos de acidentes atípicos que não estão identificados, que podem combinar diversos factores humanos e naturais, como as nuvens de pó ou as pragas de gafanhotos provenientes do Continente Africano.

Desde há muito que os madeirenses se habituaram às estradas estreitas, íngremes e tortuosas os madeirenses sempre foram engenhosos e cuidadosos na estrada, contudo, a onda das novas estradas, dos túneis, a que os madeirenses rapidamente se habituaram, traz também um conjunto de situações, que vieram criar situações novas de risco a que os madeirenses só agora se começam a habituar.

Verificamos que frequentemente não existe informação sobre os riscos e, quando existe, normalmente não está sistematizada de modo a que possa ser utilizada em tempo útil nos processos de ordenamento e em planos de prevenção e de emergência. A informação sobre acidentes passados está sobretudo na memória das pessoas e tende a ser esquecida com o tempo, dado o carácter esporádico desses acontecimentos.

Embora não seja possível eliminar completamente os riscos, é possível gerir a exposição a esses riscos, bem como determinados factores que podem atenuar a magnitude ou a gravidade dos mesmos. Neste contexto, o ordenamento do território é um dos instrumentos de reconhecida relevância para a gestão dos riscos, condicionando certos usos do solo de acordo com o grau e a probabilidade de ocorrência de acidentes e actuando na correcção de deficiências existentes no território e que em determinadas circunstâncias possam resultar em catástrofe ou agravar os seus efeitos.

Concretamente, em relação aos riscos de cheias rápidas e movimentos de vertente, que assumem uma grande importância na ilha da Madeira, devido essencialmente à gravidade dos danos e à frequência com que estes ocorrem, merecem menção diversos casos que se verificaram na região e que foram documentados.

Em termos geográficos, na Madeira podem encontrar-se áreas onde se cruzam numerosos tipos de riscos levando a que se fale em “bacias de risco” (Fernando Rebelo, 2001 e 2003, refere por exemplo a “Bacia de Riscos do Funchal”).

6.2. Levantamento Histórico dos Movimentos de Vertente e Cheias Rápidas.

6.2.1. Na Região Autónoma da Madeira.

Sem conhecermos a história, a geologia, a geografia e a região, não poderemos prever os riscos. Para nos aventurarmos e atrevermo-nos a identificar áreas vulneráveis quanto aos movimentos de vertente e cheias rápidas, num concelho como o da Ribeira Brava e no contexto de uma região como a nossa fizemos um levantamento das crises históricas, que tentamos ser o mais exaustivo possível, sabendo de antemão que corríamos alguns riscos, como o de não enumerar algum evento que não tenha sido publicado nos Jornais, nem analisado por outros autores no Elucidário Madeirense, na revista Territorium, cartas régias, livros, gravuras e mesmo entrevistas pessoais.

Além destas fontes importa ainda referir que este levantamento consistiu desde a década de noventa até ao ano de 2008 na análise do Diário de Notícias da Madeira. Importa ainda salientar que, somente a partir do século XVIII, os relatos de fenómenos excepcionais são mais pormenorizados, explicitando processos e dinâmicas, referenciando as áreas afectadas.

Para melhor compreendermos e analisarmos os fenómenos verificados, passaremos a apresentar os fenómenos registados, agrupados pelo século, sempre que possível, pelo ano, mês e dia em que se manifestaram.

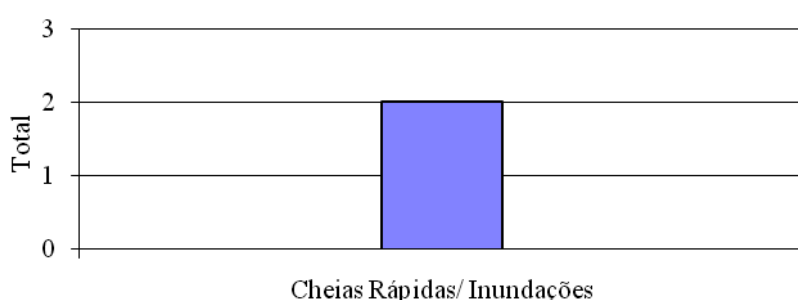
Dos fenómenos registados e que nos propusémos estudar, cheias rápidas e movimentos de vertente, as cheias rápidas que se têm registado na Madeira são sem dúvida aquelas que possuem mais dados do passado longínquo. “Já em 1601, Mouquet, que esteve na Região, afirma, embora não precise datas, “que as águas que descem das montanhas algumas vezes destroem pontes e casas em toda a ilha” (Silva e Menezes, 1997). Esta observação de Mouquet permite-nos concluir que o fenómeno das cheias rápidas, não é recente, é sim uma manifestação da natureza que ocorre na nossa ilha desde há muitos anos. Denota-se claramente a noção dos danos que a manifestação destes fenómenos acarreta. Bem como o conhecimento do factor desencadeante - a água. Nota-se também que estes fenómenos não se localizavam numa só área da ilha, pois segundo Mouquet as cheias rápidas ocorrem “em toda a ilha”.

Passando à análise dos fenómenos de movimentos de vertente ou de cheias rápidas, verificaremos que estas têm aumentado ao longo dos tempos. Claro que este aumento pode ficar a dever-se ao facto de cada vez mais se relatar, essencialmente na comunicação social, os acontecimentos que ocorriam no passado.

Deste modo, efectuamos um levantamento dos registos destes fenómenos, no Elucidário Madeirense e no Diário de Notícias da Madeira. Estes encontram-se organizados por séculos e dentro destes por anos.

6.2.2. Século XVII

Neste século foram encontrados dois registos de cheias rápidas/inundações (gráfico X). A primeira cheia rápida de que há registo data do ano de 1601. A segunda, data de 1611 e segundo o Elucidário Madeirense “uma grande enchente no Funchal, que, entre os notáveis



estragos que causou, se conta o de ter destruído em grande parte a igreja paroquial da freguesia de Santa Maria Maior que então ficava na rua que hoje tem o nome de Hospital Velho” (Silva e Menezes, 1997).

Gráfico 43 – Total de crises de origem natural registadas na ilha da Madeira durante o século XVII

Fonte: Elucidário Madeirense (Silva e Menezes, 1997)

6.2.3. Século XVIII

No século XVIII foram dignas de registo, quatro situações, que ocorreram na ilha e causaram danos consideráveis. Três destas situações, dizem respeito às cheias rápidas e uma, a um deslizamento e ocorreram nos seguintes anos:

● 1707

A primeira cheia rápida deste século de que encontramos registos, terá causado consideráveis prejuízos em toda a ilha, neste ano.

● 1724

A segunda do século, no dia **18 de Novembro** e afectou essencialmente a freguesia de Machico, onde vinte e seis pessoas morreram e mais de 80 habitações desmoronaram-se. Sobre esta cheia rápida, “refere o Padre Francisco de Santa Maria (no Ano Histórico), diz que “padeceu a ilha da Madeira uma tormenta e dilúvio tão grande, que destruiu a Vila de

Machico, parte da de Santa Cruz e muitos outros lugares e sítios da mesma ilha e também a cidade do Funchal experimentou grande dano e muitas ruínas, assim nas suas muralhas como na povoação com a enchente da Ribeira do Pinheiro (Santa Luzia) que a divide” (Silva e Menezes, 1997).

● 1765

A terceira cheia rápida do século ocorreu a **18 de Novembro** deste ano. Consequência das fortes chuvas, que contribuíram para o aumento das águas das Ribeiras que atravessam o Funchal, tendo destruído várias pontes no Funchal e arrastaram para o mar um homem que nunca mais apareceu.

● 1798

Quase no final do século, um deslizamento ocorreu no Cabo Girão. Os materiais terão caído segundo consta no Elucidário Madeirense sobre um barco, tendo provocado a morte a um homem. Segundo as notícias da época o “Inverno havia sido muito duro”.

Em suma, três cheias rápidas e um deslizamento, foram os eventos registados na ilha, no século XVIII como nos mostra o gráfico 44. Contudo e apesar dos poucos eventos

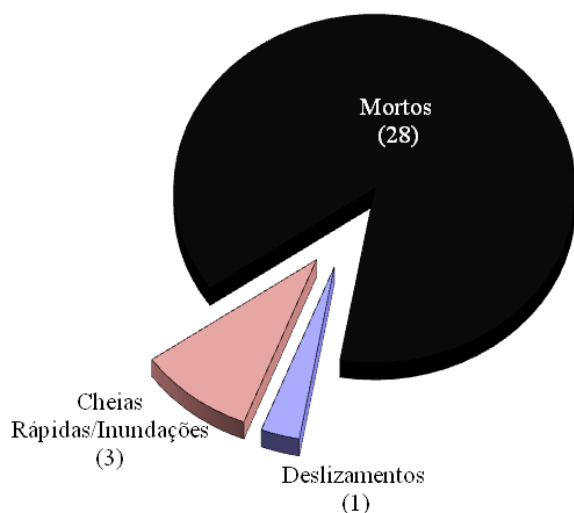


Gráfico 44 – Total de crises de origem natural registadas na ilha da Madeira durante o século XVIII
Fonte: Elucidário Madeirense

registados, o número de mortos é elevado (28 indivíduos). De salientar ainda que estes, maioritariamente, resultaram das cheias rápidas, como já verificado antes.

Também neste século, assiste-se a fenómenos que decorrem da presença de água, das “águas das chuvas”, da “rigoriedade do Inverno”, levando-nos a concluir que a precipitação é, sem dúvida, um factor determinante no desencadeamento destes fenómenos.

6.2.4. Século XIX

A partir deste século assistimos, claramente, a um aumento de registos de cheias rápidas ou de movimentos de vertente. Mais uma vez, importa referir que a difusão dos meios de comunicação social, veio contribuir para que estes dados passassem a ser relatados. E distribuem-se pelos seguintes anos:

● 1803

A primeira cheia rápida deste século foi, sem dúvida, a mais destruidora. Ocorreu no dia **9** de **Outubro** e assolou os campos da Madeira e destruiu uma parte considerável da cidade. Segundo Silva e Menezes (1997) e Quintal (1999) esta aluvião foi uma das piores aluviões registadas na ilha. “Por toda a ilha houve danos, quer materiais quer humanos. Há quem a tenha considerado a maior calamidade que ocorreu nesta ilha no largo período de cinco séculos”.

“Tinham caído algumas chuvas, com várias intermitências, nos dez ou doze dias que precederam este dia. No dia **9** pelas 8h da manhã começou a cair no Funchal uma chuva muito copiosa, que se manteve inalterável até às 8h da noite. Principiou então a ouvir-se o ribombar do trovão e a chuva, acompanhada de algum vento, caía já em verdadeiras catadupas. Às 8:30h as águas das ribeiras galgavam as suas margens e espalhavam-se com grande ruído pelas ruas laterais, começando a sua obra de destruição e de morte” (Silva e Menezes, 1997).

Muitos morreram na fuga arrastados pela violência das correntes ou atingidos pelos desabamentos das casas e paredes que se desmoronaram. No Funchal as ribeiras transbordaram e as correntes de água arrastaram para o mar tudo o que encontravam pelo caminho. Fora do Funchal as povoações que mais sofreram com a horrível cheia foram Machico, a muralha da ribeira cedeu, a ponte abateu e as águas invadiram a vila, perderam a vida catorze pessoas. O Elucidário Madeirense faz também referência a uma horrível/catastrófica inundaçãõ no Campanário. Foram igualmente consideráveis os estragos que a cheia rápida produziu em Santa Cruz, **Ribeira Brava** e Calheta, onde também houve perda de muitas vidas.

São bastantes discordantes as informações contemporâneas dos acontecimentos, em relação ao número de pessoas falecidas, vítimas daquelas inundações. Uma narrativa da época

refere-se a cerca de mil mortos e desaparecidos. O número oficial na altura seria de seiscentos¹ para os que morreram, sendo na sua maior parte no concelho do Funchal.

● 1815

Doze anos mais tarde, no dia **26** de **Outubro**, as águas voltaram a galgar as margens, inundaram os terrenos marginais e abriram novo caminho, através das ruas e casas, causando incalculáveis estragos e vítimas que foram arrastadas pelas águas. Esta situação verificou-se nas ribeiras do Funchal e um pouco por toda a ilha, verificando-se prejuízos consideráveis e a morte de várias pessoas, que foram arrastadas pela violência das correntes.

● 1842

No dia **24** de **Outubro**, resultado das fortes chuvas que caíram durante a manhã e início da tarde, as águas saíram dos seus leitos e espalharam-se pelos terrenos marginais, causando grandes estragos. No Funchal algumas ruas da cidade converteram-se em caudalosas ribeiras, casas inundadas, os prejuízos ascenderam “aos centenares de contos de reis” como podemos ler no Elucidário Madeirense.

Dois dias mais tarde (dia **26**) uma tempestade abateu-se sobre o porto do Funchal. “As ondas embravecidas saltaram as muralhas da pontinha atingindo a esplanada do ilhéu, vindo a despedaçar-se nos rochedos da praia do Funchal dez ou onze embarcações.

● 1848

Nos dias **17, 18, 19** e **20** de **Novembro**, registaram-se grandes inundações, principalmente no concelho de Santana, tendo sido arrastadas pelas águas muitas “benfeitorias produtivas e importantes”.

● 1856

Neste ano, logo nos **5** e **6** de **Janeiro**, resultado das chuvas abundantes que se verificaram, no Funchal, a Baixa da cidade foi invadida pelas águas que galgaram as ribeiras, fazendo grandes destroços. Na Ribeira Brava, Tabua, Serra de Água, Ponta do Sol, Paul do Mar e noutras localidades, houve também grandes destruições resultado da força das águas.

Nos dias **14** e **15** de **Março**, na **Ribeira Brava**, “A ribeira arruinou quase toda a muralha que defende o lugar, levou parte da muralha, destruindo o cemitério, fazendo ir para

¹ Número oficial assumido na altura. Mais tarde verificou-se que o número afinal era superior.

o mar alguns dos cadáveres que se achavam enterrados. Os habitantes do lugar estiveram dois dias no maior sobressalto e consternação” (Silva e Menezes (1997 e Quintal (1999)). Nestes mesmos dias também na Serra de Água se verificaram muitos prejuízos.

● 1865

Neste ano uma cheia rápida na freguesia da Madalena do Mar, “varreu uma grande parte da povoação”, causando importantíssimos danos materiais e vítimas.

● 1876

A **1** de **Janeiro**, verificaram-se inundações com prejuízos notáveis na freguesia da Madalena do Mar.

Nos dias **29, 30 e 31** de **Outubro**, as ribeiras vieram caudalosas, levando e alterando a maior parte das plantações, que se fazem pelas margens e trazendo consigo, na sua impetuosidade grandes pedras e troncos de árvores, resultado das chuvas que caíram nestes dias. Elevados quantitativos de precipitação caíram durante a noite e durante o dia sendo que pelas 18:30h da tarde as três ribeiras que do Funchal, transportavam elevado quantitativo de água e detritos que destruíram partes da muralha e transbordaram, causando grandes prejuízos. Na vertente Norte da ilha também houve problemas. Por exemplo no Faial e em São Vicente.

No dia **3** de **Novembro**, a Ribeira da Madalena trouxe muita água e detritos, provocando danos em prédios rústicos. Resultado das “últimas copiosas chuvas”, verificaram-se na estrada litoral desde a **Ribeira Brava** até à Calheta várias pedras e desabamentos. O caso mais grave, verificou-se no sítio do Lugar de Baixo, onde uma pedra caiu sobre uma rapariga que morreu instantaneamente. Por toda a ilha as enchentes danificaram estradas, pontes e obstruíram leitos das ribeiras.

Nos dias **29, 30 e 31** de **Dezembro**, um grande temporal (chuva e vento) abateu-se sobre o Funchal, e mais uma vez o caudal das ribeiras aumentou e causou grandes estragos nas propriedades rurais da cidade.

● 1877

Logo no início do ano, no dia **6 Janeiro**, noticiava o Diário de Noticias da época que a estrada marginal da costa Sul está em péssimo estado, resultado das últimas chuvas, mas

especialmente desde a **Ribeira Brava** até à Madalena, estão continuamente a verificar-se desabamentos. Um destes desabamentos levou uma rapariga à morte canto da Madalena, junto à ribeira.

● 1895

Nos dias **2 e 3 de Outubro**, várias inundações provocaram graves prejuízos. Alguns mortos, muitas casas soterradas, estradas e pontes destruídas. “A aluvião que se deu nestes dias produziu grandes estragos nas freguesias de São Vicente, Faial, Ponta Delgada, Boa Ventura e Seixal. Tendo nesta última freguesia morrido um homem” (Silva e Menezes, 1997).

● 1896

Neste ano a ilha voltou a ser assolada por uma violenta tempestade. Vários foram os navios e outras embarcações, que ficaram destruídos no Funchal. “Perderam-se alguns barcos que constituíam o único ganha-pão dos seus donos e famílias. Uma verdadeira calamidade” (Campos e Malho, 1963). O temporal provocou trinta vítimas, sendo a maioria, tripulantes dos navios e embarcações. No Campanário morreram três pessoas² e na Camacha dois.

Este século foi “negro” para a região. Muitos foram aqueles que pereceram e muitos foram os prejuízos, que resultaram das catorze cheias rápidas, dos 29 desabamentos, dos 2 deslizamentos e das 2 fortes ondulações. Mais uma vez a maioria dos mortos (cerca de 1000) resultou das cheias rápidas que assolaram a nossa ilha e particularmente a capital madeirense. Neste século foi sem dúvida a aluvião (cheia rápida) de 1803 a mais catastrófica.



Gráfico 45 – Total de mortos registados na ilha da Madeira durante o século XIX

Fonte: Elucidário Madeirense (Silva e Menezes, 1997), Quintal (1999), Campos e Malho (1963)

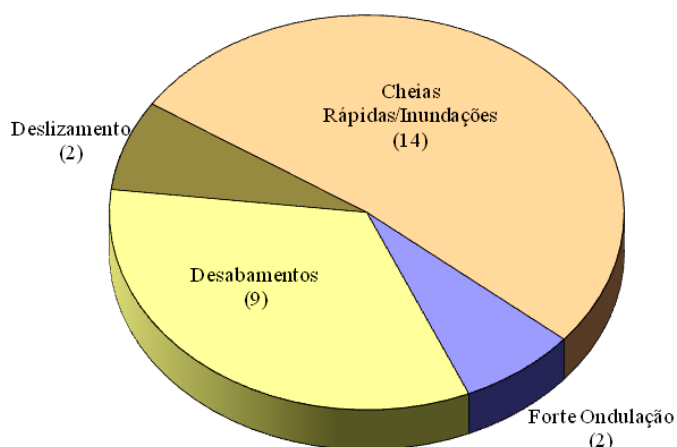


Gráfico 46 – Total de crises registadas na ilha da Madeira durante o século XIX

Fonte: Elucidário Madeirense (Silva e Menezes, 1997), Quintal (1999), Campos e Malho (1963)

² Segundo relatos antigos e que têm passado de geração em geração, neste ano, no Campanário, três pessoas morreram em resultado de um deslizamento no sítio da Corujeira.

Ainda neste século, mas no concelho aqui em análise, verificaram-se 3 cheias rápidas, 4 quedas de blocos, 2 desabamentos e 1 deslizamento, dos quais resultou 3 mortos. As vítimas mortais resultaram do único deslizamento registado.

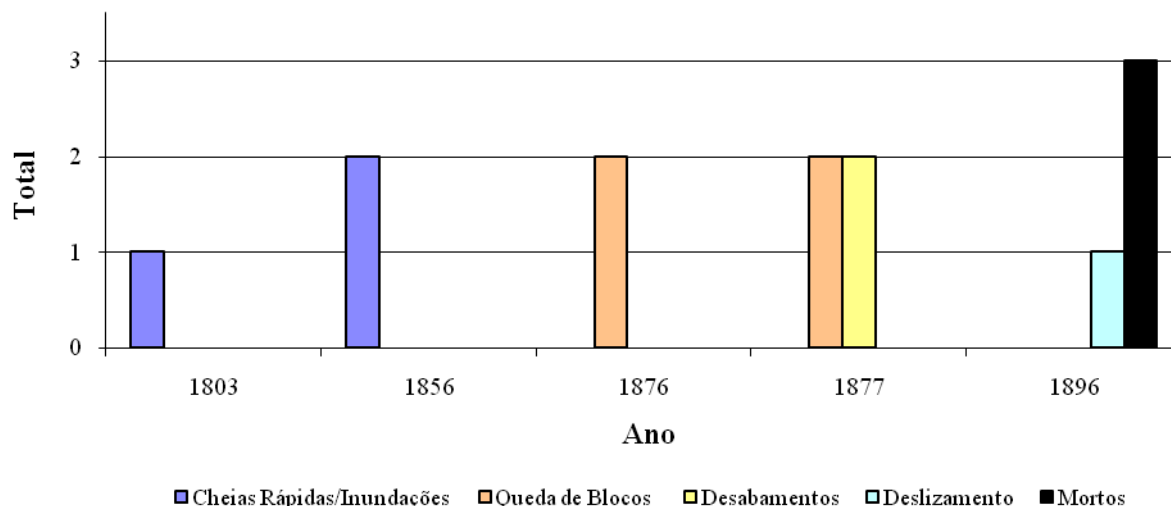


Gráfico 47 – Total de eventos registados no concelho da Ribeira Brava no século XIX

Fonte: Elucidário Madeirense (Silva e Menezes, 1997), Quintal (1999), Campos e Malho (1963)

6.2.5. Século XX

Os registos ao longo do século vinte são vários. Aqui assiste-se claramente a um aumento dos registos e também a um maior pormenor noticioso. Assistiremos a relatos desde os mais graves aos menos graves. Contudo, a importância da notícia estará bem patente. Apresentaremos à semelhança do ponto anterior, as descrições por ano:

● 1901

Logo no início deste século nos dias **8 e 9 de Novembro**, registaram-se, chuvas abundantíssimas no Funchal. As águas inundaram as ruas, causando muitos danos e provocaram alguns desmoronamentos.

● 1920

Dezanove anos mais tarde, nos **25 e 26 de Fevereiro**, um violento temporal (vento e chuva) causou inúmeros prejuízos em toda a ilha. “Houve inundações em vários sítios da cidade, devido à abundância das chuvas e a alguns ribeiros terem ficado obstruídos” (Silva e Menezes (1997) e Quintal (1999)). Em resultado deste temporal, em toda a ilha, ficaram mais

de quinhentas pessoas sem abrigo. Terá morrido no caminho do Lazareto um indivíduo, no molhe da Pontinha outro, talvez devido à impetuosidade do vento.

A vila da **Ribeira Brava** “correu grande risco de ser destruída pelas águas, tendo saído a imagem de São Bento em procissão e havendo depois preces na igreja paroquial” (Silva e Menezes (1997) e Quintal (1999)). Em Machico, Santa Cruz, São Vicente e Camacha registaram-se importantes prejuízos, morrendo uma mulher e uma criança nesta última freguesia. Desapareceram com os respectivos tripulantes alguns barcos de pesca de Câmara de Lobos.

● 1921

Nos dias **5 e 6 de Março**, caíram chuvas abundantes, acompanhadas de trovoadas, em toda a ilha. Resultado disso, verificaram-se inundações e estragos em Machico, **Ribeira Brava** e em muitos outros pontos da ilha. Em Machico as águas subiram ao primeiro andar das casas. Na Ribeira Brava morreram quatro crianças, sendo “três em virtude do desmoronamento de um prédio e uma arrastada pelas águas” (Silva e Menezes (1997) e Quintal (1999)).

● 1926

No dia **15 de Dezembro**, o mar invadiu a cidade do Funchal. O mercado, o Largo da Praça várias ruas ficaram alagadas. Em vários concelhos rurais do sul desta ilha, nomeadamente Machico e Câmara de Lobos, os estragos foram enormes. Na freguesia do Campanário o mar arrastou todos os barcos que estavam na praia, destruindo alguns estabelecimentos. Na Freguesia da Calheta o mar destruiu um grande barco de carga que se encontrava na praia.

● 1929

No dia **6 de Março**, na sequência das “chuvas torrenciais” que se registaram verificou-se a cheia da ribeira, depois um desabamento (quebrada), que causou cerca de 32 mortes e incalculáveis estragos – ficaram destruídas 11 casas e 100 palheiros, perdendo-se, mais de 100 cabeças de gado, na freguesia de São Vicente. Para Silva e Menezes (1997) e Quintal (1999), tratou-se da mais pavorosa e confrangedora catástrofe de que ainda há memória na ilha da Madeira, só tendo paralelo com a aluvião de 1803.

O volume da água aumentou e invadiu os terrenos marginais, onde existiam casas de habitações, palheiros e plantações diversas. “Por volta das 8 da manhã a cheia aumentou de tal

ordem que começou a inquietar seriamente os pobres camponeses, que depois de assistirem ao armazenamento das suas culturas e terras, viram em grave perigo as suas habitações, os seus haveres e mais do que isso, as suas próprias vidas. Homens, mulheres e crianças, em brados dolorosos, corriam desvairadamente em diferentes direcções procurando atingir os pontos onde julgavam pôr-se ao abrigo da torrente impetuosa e devastadora” (Silva e Menezes, 1997).

● 1930

Nos dias **14 de Março**, aconteceu uma enorme derrocada próximo do Cabo Girão. A rocha da Fajã Grande, despregou-se da arriba (desabou) e caiu para o lado do mar, numa faixa calculada em mais de 400 metros de altura e foi ocupar nas águas uma extensão de cerca de 250 metros. O oceano recebeu no seu seio aquela quantidade de rocha e originou duas vagas enormes que seguiram diferentes direcções, uma para Oeste e outra para Leste. Esta última, resultou em dezoito mortes “A vaga de proporções gigantescas, entrou com fúria, pela Ribeira do Vigário, onde diversas mulheres se encontravam lavando roupa, tendo algumas ali perto os filhos, arrebatando-os para o mar” (Silva e Menezes (1997) e Quintal (1999)).

● 1931

No mês de **Outubro**, dia **2**, no Funchal registaram-se várias inundações, resultado das chuvas intensas que caíram. No dia **4** durante a manhã verificaram-se chuvas torrenciais acompanhadas de uma violenta trovoada, no Funchal. Algumas ruas transformaram-se em leito de torrente caudalosa que tudo arrastava.

● 1933

A **31 de Janeiro**, na Madalena do Mar, a água das chuvas, engrossou o caudal das ribeiras, ameaçando vidas, destruindo propriedades e danificando casas. Registou-se uma vítima mortal.

● 1936

A **4 de Dezembro** durante a tarde, caíram no Funchal e arredores chuvas abundantes. “Durante largo tempo choveu sem interrupção, vendo-se algumas ruas transformadas em ribeiras” (Quintal, 1999). A água invadiu as ruas, estabelecimentos e casas de residência. Registaram-se dois desabamentos que levaram à interrupção do trânsito em duas ruas da cidade. Por toda a ilha também se verificaram inundações, desabamentos e muitos prejuízos.

● 1939

Três anos mais tarde, a **30 de Dezembro**, a freguesia da Madalena do Mar foi assolada por uma cheia rápida, resultado do forte temporal de com “chuva contínua e vento forte”. As chuvas quase ininterruptas, que caíram durante a noite, engrossaram o caudal da ribeira de Santa Maria Madalena, que transbordou e arrastou uma parte considerável da sua área, foi levada para o mar sob “o fulminante impulso da aluvião,” que arrastou cerca de 40 casas e vários terrenos de cultura, 4 mortos foi o resultado da tragédia” (Quintal, 1999).

● 1948

No dia **6 de Março**, em São Martinho pelas 12h, uma pedra de grandes dimensões, desprende-se de um terreno com cerca de 150m de altura, vindo a rolar por uns terrenos de cultivo e tendo caído no leito da ribeira dos Socorridos. No seu trajecto destruiu os muros que marginavam um terreno de plantações de batatas e atingiu mortalmente 3 indivíduos (2 homens e 1 criança), ferindo um outro.

● 1956

Neste ano há a registar duas situações.

A primeira a **20 de Fevereiro**, pelas 13h, verificou-se um desprendimento de pedras, no sítio da Fundoa de Baixo (São Roque), de uma altura de cerca de 50 metros, que atingiu quatro “casebres”, que haviam sido abandonados pelos residentes, ficando dez pessoas sem abrigo. Destruiu terrenos de plantações de bananeiras, vinho e batata.

A segunda foi a **3 de Novembro**, pela manhã. “Admite-se a hipótese de uma grande tromba de água ter caído na zona da Portela, acentuadamente para os lados do Porto da Cruz, Ribeira de Machico, estendendo-se até à zona de Santa Cruz. Só assim se pode explicar o engrossamento imediato dos caudais das ribeiras e das inundações repentinas desta região” (Quintal, 1999). Os prejuízos causados na lavoura, nas propriedades urbanas, nas pontes, nos caminhos e nas estradas, são incalculáveis.

Em Machico danificou estradas, pontes, rede de água potável, casas e culturas. Para além dos muitos feridos que ocasionou, morreram cinco pessoas. No concelho vizinho, Santa Cruz, foram três pontes e duas casas destruídas, houve muitos danos, ruas cheias de lama e rochas e uma criança desaparecida (nunca foi encontrada).

● 1958

A **21** de **Dezembro**, uma violenta tempestade levou a que as ribeiras aumentassem consideravelmente o seu caudal, provocando desabamentos e grandes estragos por toda a ilha. No concelho do Funchal os pontos mais atingidos foram o Monte, onde uma casa foi parcialmente danificada e um automóvel soterrado. Na **Ribeira Brava**, a ribeira apresentou-se “com aspecto ameaçador” (Quintal, 1999).

● 1970

Na década de setenta somente duas situações são dignas de destaque. Uma no dia **9 Janeiro** e outra no dia **21 de Setembro** de **1972**.

A primeira foi a **Ribeira Brava** que “fez jus ao seu nome”. “A força das suas águas destruiu a estrada em sete pontos, entre a vila e a Serra de Água, tendo sido levado o miradouro, que desapareceu, juntamente com duas pessoas” (Quintal, 1999).

Na segunda, durante a madrugada, o caudal da Ribeira de Santo António aumentou repentinamente, tendo atingido um bairro de barracas localizado perto do Campo da Imaculada Conceição. “Aquela hora os habitantes encontravam-se a dormir e quando se aperceberam do perigo já algumas das modestas residências estavam a ser destruídas pelas águas e pelas pedras” (Quintal, 1999). Duas crianças e uma mulher não resistiram à força das águas.

● 1985

Nos dias **2** e **3** de **Outubro**, uma cheia rápida levou a que várias inundações se verificassem e provocassem graves prejuízos. Alguns mortos, muitas casas soterradas, estradas e pontes destruídas foi o balanço do temporal que se abateu sobre a ilha nesses dias.

Mais uma vez importa referir que à medida que nos aproximamos do século XXI, assistimos a um aumento de notícias sobre movimentos de vertente e de cheias rápidas/Inundações, deste modo procederemos à apresentação dos registos ao longoda última década do século XX.

● 1990

A **17** de **Janeiro** um desabamento de grandes dimensões verificou-se ao anoitecer, na Estrada Regional 104 entre as freguesias da **Ribeira Brava** e da Serra de Água provocando a interrupção do trânsito.

No dia **6** de **Setembro**, pelas 10:30h no Curral das Freiras deu-se uma queda de blocos, que atingiram uma criança de 11 anos, provocando a sua morte. No dia **18**, a queda de um muro esmagou um automóvel que circulava na Rua Carvalho Araújo, provocando a morte aos dois ocupantes. “O desmoronamento terá ocorrido, “fruto da forte precipitação ocorrida entre as 14h e as 15h” (DNM, 19 Set. 1990). Em vários pontos do Funchal verificaram-se inundações e estragos vários, em habitações e estabelecimentos comerciais, viram-se também automóveis a boiar e a embater uns nos outros, entre outros casos.

Nos dias **31** de **Novembro**, **1** e **2** de **Dezembro**, as fortes chuvas que se fizeram sentir ao longo do dia, provocaram um desabamento na Ponte de Vasco Gil (Santo António), tendo a circulação automóvel sido interrompida. A Ribeira de Santa Luzia transbordou, provocando a avaria da rede geral de abastecimento de água à zona ocidental da cidade. Houve inundações em casas particulares e em alguns estabelecimentos comerciais com avultados danos materiais. Vários desabamentos se verificaram na cidade levando à interrupção de algumas ruas. Um desmoronamento de terras, ocorrido no sítio de São Latrão (São Gonçalo) deixou uma família sem casa. “A acumulação de águas nas áreas circundantes à habitação terá estado na origem do acidente que destruiu por completo o local onde viviam” (DNM, 3 Dez. 1990). Na **Ribeira Brava** verificaram-se várias inundações, que provocaram elevados danos materiais.

● 1991

Neste ano registaram-se 6 casos dignos de menção.

O primeiro ocorreu a **19** de **Março**, quando se verificou a cedência de terras junto à estrada dos Lameiros, em construção entre a vila de São Vicente e o sítio do Laranjal, que provocou a morte a um jovem de 17 anos. “O acidente ocorreu no momento em que no local transitava um “dumper”, que terá precipitado o desabamento” (DNM, 20.03.1991). Tendo este caído sobre o jovem que ali passava no momento, o condutor do “Dumper” também saiu ferido. No dia **25** de **Março**, no Porto da Cruz ocorreram pequenos desabamentos.

No mês de **Outubro**, no dia **24**, a vila de Machico foi inundada, devido à grande quantidade de água “que uma chuva intensa espalhou por todo aquele vale”. Esta chuva levou ao aumento do caudal da ribeira que inundou algumas artérias e 16 residências. Também em Santana se verificaram algumas inundações em residências.

No dia **29**, Machico e Santa Cruz foram novamente afectadas, com estradas bloqueadas, casas inundadas e diversos desmoronamentos de terras. Os concelhos de Machico e de Santa Cruz, os mais atingidos pelas fortes chuvadas, que novamente ocorreram ao principio da manhã em toda a ilha.

Em Machico registaram-se várias inundações em casas, queda de pontes, estradas cortadas em duas partes (lugar da Ribeira Grande). Vários desabamentos na estrada regional 101 no troço compreendido entre Machico e o Santo da Serra. No sítio dos Landeiros (Machico) uma grande derrocada arrasou completamente um muro de suporte e, invadiu a cozinha de uma residência abaixo da estrada, arrastando na sua fúria utensílios e electrodomésticos. O trânsito automóvel foi interrompido.

No concelho de Santa Cruz aconteceram cerca de cinquenta pequenas inundações. A área mais afectada foi a do Garajau. As fortes chuvas levaram a que um ribeiro situado por baixo da estrada enchesse levantando o piso da via. As águas misturadas com diversos detritos no seu percurso arrastaram três carros e contentores de lixo, provocando a inundação de três residências.

A forte chuvada que se fez sentir na área do Funchal pela manhã criou várias situações de perigo e prejuízos diversos na cidade. Provocaram várias inundações, bem como, diversos estragos a nível da rede de esgotos. Também em Câmara de Lobos se registaram três inundações em residências e anomalias na rede de esgotos.

No dia **2** de **Novembro**, mar agitado com forte ondulação de Sudoeste e vento forte, verificou-se durante o dia na Ribeira Brava, provocando vários rombos no novo cais da vila. O bloco da extremidade do cais levantou cerca de cinco centímetros em relação ao restante; ao longo da sua estrutura verificaram-se várias fendas.

No dia **13** de **Dezembro**, os sítios da Fajã Grande e Fajã do Cedro Gordo (Santana), foram fortemente fustigados pelas chuvas que se fizeram sentir especialmente entre as 2:30h e as 3:30h. Elevados danos em terrenos cultivados, caminhos municipais quase intransitáveis e estradas totalmente bloqueadas foram os resultados de seis desabamentos que ocorreram no espaço de uma hora.

● 1992

Na noite de **1** para **2** de **Fevereiro**, uma grande derrocada durante a noite no penhasco da Penha de Águia entre o Faial e o Porto da Cruz, deixou um novo “braço” de terra com perto de 200 metros de comprimento no chamado mar do Norte.

A **3** de **Agosto**, na Madalena do Mar, ao principio da tarde, a meio do segundo túnel a partir da Ponta do Sol, verificou-se um acidente envolvendo dois veículos, devido a um desabamento no interior do túnel, que originou quatro feridos, um dos quais em estado grave, e elevados danos materiais com a estrada interrompida

Nos dias **28** e **29** de **Setembro**, no Funchal, ocorreram inundações de lama, pedras e entulho, provenientes do entupimento de sarjetas, esgotos e outras condutas. O entulho abandonado proveniente de desaterros no Caminho-de-ferro, foi responsável por inundações em algumas residências, um cabeleireiro e um Mini Mercado e, soterrado um carro na lama, na Rua do Salvador e na baixa da cidade. Em vários pontos da baixa da cidade, verificaram-se enxurradas, devido ao transbordo de alguns ribeiros.

No mês seguinte, no dia **14** (**Outubro**), um desabamento cortou a circulação automóvel nas imediações da Encumeada. “Eram cerca das 17 horas quando a estrada, ficou obstruída por um grande desmoronamento de terras, provocado pelas grandes chuvadas que caíram em toda a região” (DNM, 15 Out. 1992).

A **18**, na Fundoa de Fora, uma grande porção de pedras e terra caiu sobre uma casa de madeira, derrubando-a parcialmente, sendo necessário realojar uma família que se encontrava sob perigo eminente. “Presume-se que resultaram das fortes chuvas que ocorreram durante todo o dia” (DNM, 19 Out. 1992).

● 1993

Este foi um ano trágico para a região. Além do número de situações que se registaram, verificou-se uma grande cheia rápida, tendo paralelo, talvez, só com a de 1803.

Em **Fevereiro**, no dia **5**, ocorreu um desprendimento de rochas na Estrada Regional 101, no sítio do Lugar de Baixo (Ponta do Sol), desabou sobre um veículo automóvel no qual viajavam três jovens, resultando em dois mortos, num ferido grave e no encerramento da estrada.

O Diário de Notícias da Madeira noticiava no início do mês de **Março**, que “na marginal entre Ribeira Brava e Madalena do Mar, os desprendimentos de rochas continuavam a ameaçar tragédia”. No dia **6** desse mês, um veículo automóvel foi atingido na parte dianteira com uma pedra, tendo esta partido o pára-brisas do veículo. Durante a noite mais um desabamento fechou o trânsito automóvel entre a Ponta do Sol e a Madalena do Mar, mostrando o quão perigosa é aquela via.

No mês seguinte (**Junho**), no dia **7**, um desabamento de terras, no sítio da Ginjas, (São Vicente), surpreendeu dois trabalhadores agrícolas, que se encontravam sentados no muro suporte da estrada, os dois homens ficaram soterrados, tendo sido retirados por populares, ficando no entanto com alguns ferimentos.

No dia **11**, um muro desabou e o respectivo terreno cultivado que a mesma segurava, sobranceiro à estrada (próximo à Ponte dos Socorridos), desabou e fechou a Estrada Regional, na zona da Vitória ao trânsito automóvel e pedonal.

No mês de **Outubro** três situações há a registar, uma delas com consequências catastróficas. A primeira ocorrência no dia **10**, fruto de um forte temporal que se abateu sobre a ilha, teve como consequência um desabamento no Caminho do Curral dos Romeiros que ficou parcialmente impedido, bem como, pequenas inundações no Funchal, em alguns estabelecimentos provocando alguns prejuízos.

A segunda registou-se a **16 e 17**, também em resultado das chuvas e originou desmoronamentos de terra. Alguns deles, constituíram perigo para o trânsito automóvel e de peões. No Funchal, dois desabamentos se verificaram, uma no Caminho da Torrinha e outra no troço da Estrada Luso-brasileira, junto aos túneis de acesso à via rápida “cota 40”; o abatimento levou ao encerramento da estrada.

O fatídico dia **29 de Outubro**, todavia, ultrapassou estes acontecimentos. “O Funchal acordou em sobressalto. As chuvas intensas e ribeiras cheias de entulho fizeram a catástrofe. Por onde a água passou tudo levou e a morte saiu à rua. O balanço foi trágico”. As chuvas foram anormais e só tem paralelo com as de 87. “Obviamente que o facto das ribeiras, estarem atulhadas também não ajudou” (Quintal, 1999). A tragédia atingiu vários pontos da ilha. Cerca de oitenta pessoas ficaram sem casa.

O Curral das Freiras ficou isolado, Machico, Santa Cruz, Estreito de Câmara de Lobos viveram momentos difíceis. Um pouco por toda a ilha o mau tempo fez-se sentir, embora com menor intensidade.



Figura 47 – Antiga Estrada Regional da Serra de Água (lugar da Ameixeira) – crise de 29 de Outubro de 1993

pesqueiro respectiva canoa de apoio encalharam. No Caniçal, seis pesqueiros afundaram e outros quatro embateram nos rochedos.

No Estreito de Câmara de Lobos, no sítio do Cabo do Podão, registaram-se avultados danos e uma pessoa sofreu ferimentos com um desabamento de terras que arrastou dois carros. Nas Corticeiras, uma estrada abriu-se a meio, deixando uma vala de quatro metros de profundidade e cerca de dois metros de largura.



Figura 48 – Antiga estrada regional da Serra de Água (lugar Ameixeira) – crise de 29 de Outubro de 1993

Na **Ribeira Brava**, Ponta do Sol, Calheta e Porto Moniz, o mau tempo fez-se sentir com menor intensidade. Alguns desabamentos a maioria sem expressão, não deram para assustar muito a população. Alguns caminhos ficaram interrompidos.

Na Ribeira Brava na Serra de Água muito foi o entulho trazido pelas águas, que arrastaram o que encontraram pelo caminho, como vemos nas figuras, até veículos.

Em Santana, o mau tempo também fez-se sentir tendo contribuído para que diversas estradas fossem interrompidas e casas inundadas.

“Vinte e sete feridos, quatro desaparecidos, desalojados rondam os duzentos. Cinco mortos e elevados prejuízos é o resultado do temporal” (DNM, 1993).

● 1994

Ao longo do ano, foram sete os casos noticiados.

O primeiro ocorreu no dia **15** de **Janeiro** e correspondeu a um desabamento que ocorreu ao princípio da madrugada e obstruiu a estrada no sítio da Portela (Machico).

A **17** de **Março**, durante a manhã verificou-se um desabamento num dos túneis que ligam a Madalena do Mar ao Arco da Calheta. As pedras obstruíram a estrada e foram responsáveis por um acidente de viação. Um desabamento também se verificou na Penha de Água, dois anos após uma situação semelhante ter criado uma fajã.

No dia seguinte (**18** de **Março**) uma nova derrocada de pequenas proporções levou ao encerramento da Estrada Regional entre o Seixal e São Vicente.

Em **Setembro**, no dia **17**, um desabamento de terras nas rochas sobranceiras à praia do Toco, destruiu parcialmente um barracão que servia de residência e bar, provocando um prejuízo então calculado em cerca de dois mil contos.

No mês de **Outubro**, no dia **7**, a grande precipitação registada durante quase todo o dia provocou algumas inundações e desabamentos de terras. Alguns casos pontuais ocorreram por toda a ilha. No sítio das Fontainhas (Quinta Grande) e no sítio da Meia Léguas (Ribeira Brava), registaram-se desabamentos de terra. Em Santa Cruz algumas inundações, na sua maioria no bairro da Nogueira (Camacha), afectaram quatro casas.

Na freguesia do Curral das Freiras aconteceu um desmoronamento de enormes pedras e terra no sítio das Balseiras, na manhã do dia **17** de **Dezembro**. Além da obstrução da estrada um homem que trabalhava numa horta por onde passaram as pedras ficou soterrado no entulho, tendo falecido. No dia seguinte (**18**) do mesmo mês, um trabalhador do Governo Regional, operava na reparação de uma levada quando as rochas se desprenderam e foram atingi-lo e a um compressor à saída do segundo túnel na estrada que dá acesso ao Curral das Freiras.

● 1995

Este ano também foi cheio de momentos preocupantes para população.

No dia **11** de **Março**, durante a noite, uma parede de pedra desmoronou-se na Travessa dos Pereiras (São Roque). O incidente ocorreu numa altura em que chovia muito, deixando suspenso o quintal da casa sobranceira.

No mês seguinte (**Abril**), no dia **2**, a forte ondulação que se fez sentir, galgou a baixa de Santa Cruz. O mar, com pedras à mistura invadiu o centro de Santa Cruz, causando prejuízos materiais. E no dia **30**, um desabamento de grandes dimensões, ao romper o dia, fechou a ligação do Porto da Cruz com o Faial.

A **4** de **Junho** no sítio da Aldeia (Câmara de Lobos), um desabamento feriu uma criança. No dia **15** em Santa Cruz, ao princípio da tarde, um automóvel que transitava na Estrada Regional, junto às obras de ampliação do aeroporto, foi atingido por uma pedra que pesava mais de 100kg que caiu de um terreno sobranceiro, esta bateu na parte dianteira de um veículo, provocando elevados danos.

No mês de **Outubro**, no dia **25**, registaram-se, cerca de uma dezena de inundações sem gravidade na baixa da cidade do Funchal, como resultado das primeiras chuvas outonais. No dia **28**, devido a um desabamento, foi interrompida ao trânsito de veículos pesados estrada Regional 101, ao sítio da Cruz e Caldeira, freguesia da **Ribeira Brava**.

No mês de **Novembro** dia **2**, como resultado do vento forte, durante a madrugada, dois bares foram parcialmente atingidos pelo mar, havendo a lamentar dois feridos ligeiros, na Praia Formosa. São às centenas de contos, senão mesmo milhares, os custos dos prejuízos provocados pelo mar no Complexo Balnear da Praia Formosa. A **17**, chuva e vento atingiram

todos os cantos da ilha e sucederam-se as inundações, desabamentos e queda de árvores. No Funchal e na Ribeira Brava verificaram-se inundações e desabamentos com relativa dimensão.

Em **Tabua, Meia Légua e Fajã da Ribeira**, na **Ribeira Brava**, as estradas chegaram a ficar obstruídas devido a desabamentos, sendo a de maior dimensão a registada ao princípio da madrugada do dia 17 no troço de estrada entre a vila da Ribeira Brava e a Serra de Água.

No Funchal a tragédia espreitou uma família do sítio das Laginhas (Monte), cuja residência, construída em madeira e coberta a zinco, foi derrubada por um muro sobranceiro que se abateu. As inundações ocorreram por toda a cidade e arredores, condicionando o trânsito automóvel e apeado em vários locais.

Dois dias depois (**19**), como resultado também de um desabamento que ocorreu durante a noite, uma viatura com os seus ocupantes foi colhida à saída do túnel da **Tabua** no sentido Ribeira Brava/Ponta do Sol, provocando três mortos, muitos danos materiais e ferimentos nos ocupantes de outras duas viaturas que escaparam à derrocada.

Ainda neste mês, no dia **28**, ao princípio da tarde, a tragédia foi novamente vizinha de dois veículos que acabavam de passar no local onde as pedras voltaram a fechar o trânsito, entre a vila da **Ribeira Brava** e o posto de combustíveis da **Tabua**.

No dia **29** uma pedra que se calcula pesando mais de uma tonelada, caiu no troço de estrada entre Ponta Delgada e Boaventura, tendo esta sido encerrada.

No dia **13** do mês de **Dezembro**, os casos mais significativos ocorrem nas instalações do Emissário Submarino – Estação de Tratamento de Águas Residuais. O mar galgou a terra, transportando pedras, que viriam a causar consideráveis prejuízos nas instalações e numa embarcação de pesca que se encontrava amarrada no cais da Ribeira Brava. Outras situações não passaram de pequenos desmoronamentos de paredes e terras e ainda a queda de algumas árvores, tudo sem causar prejuízos.

No **15** a queda de um muro com uma altura aproximada de 15m e com 50m de comprimento podia ter resultado em tragédia na Cancela. O desabamento ocorreu, mais precisamente no estaleiro da firma José Teixeira dos Passos, sendo o muro em causa da responsabilidade da empresa “Polimáquina”, sediada a nível superior dos referidos estaleiros.

No recinto onde se registou o desabamento encontravam-se quase duas dezenas de contentores para serem descarregados, foram apanhados pelo muro e terras que se

desprenderam. Pelo menos quatro destes contentores ficaram soterrados. O desabamento não só esmagou contentores como também os projectou, bem como a máquina empilhadora. Um camião com porta contentores sofreu consideráveis danos materiais.

No dia **17**, o vento forte, o frio e a chuva torrencial, fizeram-se sentir durante todo o dia, com especial nas áreas da Camacha, Santa Cruz, Machico, **Ribeira Brava** e São Vicente. Nas localidades situadas junto ao mar, as atenções estiveram sobretudo viradas para o oceano que se apresentava bastante agitado.

A forte ondulação que fustigou durante o dia toda a faixa da Costa Oeste da Região, deixou algumas “mossas” na orla marítima da vila da **Ribeira Brava**. As ondas enormes, que mormente durante a manhã, altura em que se registava a preia-mar, se fizeram sentir na costa ribeira-bravense, invadiram o cais. A rebentação das ondas não poupou o pescueiro “Figueiral” e um contentor com material do Clube MAR da Madeira que foi arrastado alguns metros pela força das ondas. O acesso ao cais teve que ser fechado.

Na Ladeira do Farrobo de Baixo, um muro caiu sobre uma viatura. Entre o Santo da Serra e a Portela, registaram-se pequenos desabamentos.

No dia **22** do mesmo mês, as zonas marginais da Ponta do Sol e da Madalena do Mar, foram novamente atingidas por alterosas ondas de mar, que aí deixaram calhaus.

Nas Pontes (Lazareto), verificou-se um desabamento do paredão de rochas sobranceiras à estrada, interrompendo o trânsito automóvel durante algum tempo.

Finalmente, nos dias **26**, **27** e **28**, a elevada precipitação registada, provocou inundações, quedas de pedras, desabamentos de terras (nomeadamente nalguns dos aterros “devidamente autorizados” ou descuidados pelas entidades competentes), esgotos entupidos e quedas de árvores, que obstruíram estradas ou ameaçaram residências.

Muitos troços de estrada ficaram obstruídos ou intransitáveis e o grande caudal de água, com pedras e terras, chegou a provocar o pânico e o abandono das residências ameaçadas.

O concelho do Funchal foi o mais atingido pelo temporal, mas os desmoronamentos de terras tiveram maior incidência no Monte e em toda a Estrada Regional.

Em Santa Cruz, os desabamentos de pedras e terras registados na Estrada do Aeroporto, nas proximidades da Ponte de Boaventura.

Assinalaram-se, também, um desabamento no sítio dos Lombos, outra no Lazareto e outra na Corujeira (Monte). Várias inundações foram registadas no Funchal.

No sítio do Vasco Gil, nas moradias das escadinhas do Pico do Funcho de Cima, (Santo António), seis famílias (trinta e nove pessoas entre as quais vinte e sete crianças)

podiam ter ficado sem abrigo ou mesmo soterradas com o caudal (com lama e pedras) que saiu do Caminho da Eira do Serrado. Algumas das casas atingidas sofreram danos materiais.

O aterro do Ribeiro da Alforra – nas proximidades do Cabo Girão (Câmara de Lobos), veio parcialmente abaixo, bloqueando a estrada. Um desabamento de terras no sítio da Alegria (São Roque), levou pelo menos dois automóveis para uma queda calculada em cem metros. Sobre o mesmo espaço, num vazadouro de terras supostamente construído com autorização de uma anterior vereação da câmara do Funchal, encontravam-se pelo menos dois automóveis à responsabilidade de uma oficina auto, os quais foram na enxurrada. As terras caíram e destruíram grande parte do material da câmara e só não houve vítimas devido à hora do sinistro.

Um desabamento na Fundoa (São Roque), que cobriu algumas máquinas, causou prejuízos de muitos milhares de contos. Foram evacuadas seis famílias que viviam em barracas, num total de 33 pessoas entre as quais 13 crianças que foram colocadas apenas com a roupa que tinham vestida na Escola do Lombo Segundo (São Roque). Na Fundoa de Baixo também uma outra família de 7 pessoas foi evacuada. Uma outra família foi também evacuada e alojada pela câmara devido ao risco de queda da casa onde viviam.

Aconteceram igualmente diversas inundações: uma delas na Levada de São João, outra em Santa Catarina, outra numa cave no Bairro da Nazaré e ainda outras inundações, na Rua Dr. Barreto e no Caminho do Cemitério Santo António, no Edifício Magnólia e na Rua de João Távira, bem como, vários desabamentos, dois na freguesia de Santo António, dois em São Roque e uma na Ladeira da Conceição, onde se verificaram também duas inundações.

A **30 de Dezembro**, durante a madrugada é manhã, no Norte da ilha, verificaram-se alguns desabamentos, tais como uma no troço Seixal/Ribeira da Janela, e outra no troço entre a Ponta Delgada e a Boaventura. Ambas as estradas tiveram que ser encerradas ao trânsito.

● 1996

No dia **1 de Janeiro**, uma pedra com mais de uma tonelada, caiu sobre o Gabinete de Desenho da Direcção Regional dos Portos provocando avultados prejuízos. Dois dias depois (a **3**) um desmoronamento de muro e terras fechou o Caminho do Lazareto. No dia **6** os consecutivos desabamentos registados próximo à Ponte da Boaventura (Santa Cruz) obrigaram ao encerramento do trânsito por causa de pedras que se encontravam na via.

Também em São Vicente, a permanente queda de blocos na “curva do Rosário” levou ao encerramento deste troço de estrada.

Nos dias **7 e 8** muita chuva e vento assolaram a Madeira e causaram prejuízos vários. “Muitos desabamentos e árvores a obstruir estradas estiveram na “ordem do dia”” (DNM, 9 Jan.1996). A Estrada Regional entre São Vicente e Seixal esteve bloqueada durante algumas horas, devido ao mar alteroso e a alguns desabamentos que fustigaram norte da ilha. Um desmoronamento de terras fechou o Caminho das Babosas (Monte). Igual situação se verificou na Fundoa de Cima. Uma outra derrocada impediu a circulação dos residentes na Levada do Castelejo (Santo António). Também se verificaram algumas pequenas inundações por toda a ilha.

Nos dias **28, 29 e 31**, enormes pedras e terra desprenderam-se no sítio da Alegria (São Roque) e ocuparam o arruamento que serve a urbanização.

Em Santa Cruz, as chuvas torrenciais, que se fizeram sentir durante a noite e grande parte do dia, a que se juntou a partir da manhã o vento forte, provocaram diversas inundações. A escola de Santa Cruz encerrou devidas às inundações que provocaram avultados estragos nas Estações de Tratamento de Resíduos Sólidos do Funchal e de Câmara de Lobos. Nesta última, um dos funcionários da empresa sofreu ferimentos ligeiros. Também houve estragos nos complexos do Lido e da Barreirinha. Na área rural, um dos casos mais graves registou-se na Calheta, onde o mar provocou elevados estragos junto ao cais. Na estrada para o Curral das Freiras, verificaram-se dois desabamentos.

A **17 de Fevereiro**, a Estrada Regional 101 foi interrompida no sítio da Terra Chã (Livramento - Ponta do Sol), devido a um desabamento, que causou diversos estragos numa oficina e num automóvel. No Lugar de Baixo também se verificou um desabamento de pequenas dimensões.

No dia **28**, junto a uma estrada do sítio das Figueirinhas (Caniço), ocorreu um desabamento de terras que obstruiu a estrada.

Nos dias **22, 23 e 24 de Março**, “o forte temporal, sobretudo a grande descarga de água registada entre o meio-dia e as 13h, provocou o alagamento de algumas artérias da baixa da cidade e inundação de algumas casas, na maioria caves” (DNM, 25 Mar. 1996).

Os casos mais importantes, dos quais poderiam resultar consequências com desfecho imprevisível, aconteceram na estrada marginal da **Tabua**, próximo à estação de abastecimento de combustíveis, onde algumas pedras desprenderam-se e atingiram uma camioneta de turistas no Beco do Forno (Caminho D. João), provocando danos na viatura.

Por toda a ilha verificaram-se desabamentos de muros, obstrução de estradas com árvores e diversos desabamentos de terras e pedras. Felizmente, ficaram-se por danos materiais e alguns contratempos.

No sítio da Maiata de Baixo (Porto da Cruz), um desmoronamento com uma extensão de cerca de 60m pôs em risco uma residência. No sítio de Casais d'Além e Ribeirinha (Camacha) ocorreu um desabamento. Dois desabamentos ocorreram na via rápida, uma nas imediações de Santa Rita, que viria a provocar avultados danos materiais num automóvel e outra à saída para a Ponte dos Frades.

No mês de **Abril** do dia **22** para **23**, um desabamento que ocorreu durante a noite provocou o rebentamento de uma extensão de cerca de 10m da levada do norte, na Quinta Grande (Câmara de Lobos). Tudo começou por volta das 23horas, quando uma grande enxurrada galgou a estrada e levou no caudal parte de uma casa e um. O rebentamento da Levada do Norte foi marcado apenas com danos materiais e isolamento da zona Oeste durante algumas horas. Também no Funchal registaram-se dois desabamentos. Um desabamento ocorreu durante a madrugada das rochas sobranceiras à praia do Toco e outra no Lazareto.

No dia **27**, um desabamento no interior do túnel provocou dois acidentes e dois feridos, na Madalena do Mar. O facto desta ainda não estar sinalizada levou a que um veículo da PSP embatesse nas pedras, capotando. O outro sinistrado foi um motociclista que pelas mesmas razões sofreu o despiste que lhe resultou ferimentos diversos sem gravidade.

A **30**, na estrada marginal entre a **Ribeira Brava** e a Ponta do Sol um enorme pedregulho caiu entre a Tabua e o Lugar de Baixo.

No mês seguinte (**Mai**o), no dia **5**, durante à tarde, parte da Rua das Cruzes abateu junto às obras da “Cota 40”.

A **3** de **Junho** o rebentamento da Levada do Norte verificou-se junto a um desaterro particular, em quase toda a sua extensão que se julga ter cerca de 7m e que se situa imediatamente abaixo da levada, paralela ao futuro campo de futebol de Campanário, no sítio da Adega. A estrada ficou intransitável e a lama invadiu inclusive um estabelecimento de comércio. As duas condutas de água potável que se encontravam junto à levada também foram afectadas.

No dia **16** de **Junho**, ao princípio da madrugada um desabamento obstruiu a Estrada Regional entre o Seixal e o Porto Moniz.

No dia **21** de **Agosto**, na estrada entre a Tabua e a Ponta do Sol, uma pedra desprende-se do talude caiu em cima de uma carrinha, causando avultados danos materiais na mesma.

A **25** de **Setembro** um veículo foi atingido por pedras enormes, na segunda curva a seguir ao primeiro túnel para quem circula no sentido Funchal – Curral das Freiras. Causando a morte a uma das ocupantes da viatura.

A **12** de **Novembro**, entre São Vicente e a Ribeira da Janela, as ondas, com vagas atingindo os 7m de altura, “chamaram a si” uma carrinha que circulava na estrada no sentido São Vicente – Ribeira da Janela (sítio das Contreiras). O condutor da viatura, que também foi arrastado no interior do veículo, conseguiu salvar-se. As ondas derrubaram também o muro de suporte da estrada, obrigando ao encerramento da mesma a todo o trânsito automóvel.

No dia **12** de **Dezembro** um pouco por toda a ilha, a água da chuva alagou e inundou. Em Machico até o quartel dos Bombeiros não escapou à intempérie. De resto, os casos mais relevantes registaram-se na capital madeirense, onde o túnel da “Cota 40” ficou inundado e várias casas e o centro de feiras sofreram inundações.

Dois dias mais tarde (**15** e **16**), sob chuva copiosa na Travessa dos Três Paus. Um desabamento terá entupimento da Levada do Pico do Cardo, “As terras lamacentas deslizaram de rompante pela encosta, destruindo duas casas” (DNM, 17 Dez. 1996). Na enxurrada foram arrastadas duas viaturas.

Na primeira casa a ser atingida pela derrocada onde viviam dois menores (3 e 6 anos), ficaram soterradas uma senhora de 52 anos de idade e sua filha de 31 anos, tendo sido retiradas com vida pelos populares e familiares.

De outra residência, foi socorrido um casal de 81 e 73 anos de idade, simplesmente por sorte não foi arrastado pelo caudal de lama e rocha. A estrada também ficou praticamente intransitável.

Em São Roque, o caudal da Ribeira de Santana inundou o caminho, transformando-o numa autêntica ribeira. Em parte isso foi consequência do lixo de toda a espécie, nomeadamente de electrodomésticos, que entupiram a referida Ribeira.

Já no dia **22**, durante a noite, ocorreu um desabamento na Estrada dos Marmeleiros, interrompendo uma das faixas de rodagem.

● 1997

Neste ano foram vários os registos encontrados. Logo nos primeiros dias do ano (**2 e 3 de Janeiro**), uma pedra com mais de uma tonelada caiu no asfalto na Estrada Regional, ficando na estrada um grande buraco, no Lugar de Baixo, e no Curral das Freiras, acima do Largo do Miranda, um desabamento fechou por algumas horas o trânsito automóvel.

Nos dias **8 e 9** do mesmo mês, um desabamento registou-se ao sítio da Vitória (São Martinho junto ao Caminho das Quebradas de Baixo), fechando por completo a Estrada Regional que fez a ligação Funchal - Câmara de Lobos.

Um dos trabalhadores, de 42 anos, da Câmara do Funchal, foi atingido por uma pedra e sofreu um ferimento numa perna. Também no Funchal, no Bairro de João Gomes, desprenderam-se das rochas sobranceiras muitas pedras, uma das quais de grande porte. Esta caiu na estrada, saltou e foi “instalar-se” na escadaria que dá acesso ao bairro habitacional, provocando um buraco no asfalto, derrubando o muro de suporte da estrada e danificando a vedação do extinto infantário naquela localidade.

Nos dias **12 e 13 Janeiro**, pedras, com algumas toneladas, desprenderam-se das rochas sobranceiras à Estrada Regional 101, à entrada do túnel que faz partilha entre Boaventura e Ponta Delgada. A derrocada atingiu a parte traseira de um automóvel, que ficou parcialmente destruída e obstruiu por completo a via. Também no Paul do Mar, no sítio das Ferreiras, um desprendimento de pedras registado durante a noite apanhou um automóvel, provocando-lhe significativos danos. Uma outra derrocada teve lugar à entrada da vila do Seixal no sítio da Ribeira do Gato, tendo obstruído a via, levando ao seu encerramento.

Também o Lugar de Baixo (Ponta do Sol), as pedras mais uma vez caíram para a Estrada Regional no troço compreendido entre este e a **Tabua**, obstruindo uma das faixas de rodagem. A **17**, um pequeno troço da “cota 200”, na zona do Canto do Muro, foi abaixo.

A **20** do mesmo mês, no Beco do Ferreiras (Santo António), verificou-se um desabamento numa parede fragilizada pelas chuvas deste Inverno. Obstruiu uma passagem e o portão de entrada de uma residência acabou destruído. Uma outra derrocada teve lugar durante a manhã, no sítio da Fundoa (São Roque).

Nos dias **29 e 30** de Janeiro dois desabamentos divididos por escasso espaço de tempo, fecharam durante a noite a Estrada Regional 101 que liga a **Ribeira Brava** à Tabua. A primeira queda de blocos, aconteceu por volta das dez horas. Após a desobstrução, outra

derrocada de maior volume veio a registar-se. Esta última além da estrada também atingiu um terreno de cultivo. Na Ponta do Sol, as pedras caíram em frente à PSP.

Em **Fevereiro**, dois casos há a registar, um desabamento de grandes dimensões no dia **9** que deixou a população do Folhadal isolada. A **23** outro enorme desabamento de terra e pedras fechou a nova estrada do Culmial, que dá acesso aos sítios do Pico Furão e Fajã Escura (Curral das Freiras).

Em **Março**, dois casos novamente há a registar. Primeiro, no dia **5**, caíram algumas pedras, que ameaçaram os veículos que circulavam na “cota 200”. Depois ao fim da manhã do dia **20** voltaram a cair pedras na marginal no sítio do Lugar de Baixo (Ponta do Sol). As pedras atingiram uma furgoneta, provocando alguns prejuízos na viatura.

Em **Abril**, também há a registar 2 casos, um no dia **20**, na Meia Légua (Serra de Água), quando caíram algumas pedras das rochas sobranceiras à Estrada Regional. Os pedregulhos caíram do topo das rochas e atingiram toda a largura da estrada, bem como um terreno paralelo, chegando a perfurar o asfalto da estrada. Cinco dias depois (**25**), um primeiro deslizamento de terras verificou-se por volta das 9 horas e 30 minutos a cerca de dois quilómetros e meio acima da igreja do Rosário, o que obrigou de imediato ao encerramento do trânsito automóvel naquela estrada, que passou a ser feito, em alternativa pela Estrada Regional 101 (Paul da Serra). Segundo noticiou o Diário de Notícias da Madeira (26 Abr. 1996), a estrada cedeu em três fases, numa extensão de cerca de quarenta metros.

No mês de **Maio (15)** verificou-se um desabamento, durante a madrugada, que deixou por algum tempo a estrada do Jardim do Mar intransitável.

No Lugar de Baixo (Ponta do Sol) no dia **27** registou-se um desmoronamento de terras durante a tarde, tendo obstruído parcialmente a Estrada Regional.

A **28** de **Junho** a estrada regional cedeu, num comprimento aproximado a 10m, no sítio das Cruzinhas (Faial), fechando o trânsito automóvel no centro da freguesia.

A chuva que se registou durante a tarde **30** de **Setembro** no Funchal, alagou ruas onde as sargetas estavam entupidas e inundou algumas casas e estabelecimentos desta cidade. Em simultâneo caíram pedras ao princípio da “cota 200”.

Um bar na Rua das Hortas foi inundado pelo caudal que desceu da Rua Pedro José de Ornelas, o mesmo que viria a tornar o túnel da Elias Garcia num autentico lago, tornando-o intransitável, ao ponto de imobilizar algumas viaturas, curiosamente, camiões, um dos quais teve de ser rebocado. O trânsito foi fechado.

O grande caudal que correu pelas ruas inundou também um estabelecimento de pronto-a-vestir da Rua dos Ferreiros, outro na Rua de Santa Maria e outro ainda na Conde Carvalhal.

No mês de **Outubro**, nos dias **17, 18,19 e 20**, houve diversos problemas. No primeiro dia (**17**), a Estrada Regional 222, ficou totalmente obstruída devido a um deslizamento de terras ocorrido no sítio da Corujeira (**Tabua**). Nos dois dias seguintes (**18 e 19**), uma parte significativa do cemitério da freguesia da Serra de Água cedeu, fazendo com que vários restos mortais fossem arrastados para a berma da estrada. Ambas resultado das fortes chuvas que ocorreram durante o fim-de-semana.

A **Ribeira Brava** foi uma das áreas que sofreu mais estragos, provocados pelo mau tempo verificado nestes dias. Resultado da “grande” quantidade de precipitação registada naquela área da ilha. O forte caudal da ribeira, arrastou até ao mar o que encontrou pela frente, fazendo recordar tempos passados aos mais idosos (DNM 21 Out. 1997). Depositando uma enorme quantidade de lixo e entulho em toda a orla marítima principalmente junto à foz.

A violência foi de tal ordem que no Sítio da Rocha Alta as águas da ribeira invadiram alguns terrenos, desdobrando em dois. Junto à costa, a rebentação invadiu a zona do cais e também junto à marginal, quer em frente à vila, quer ao longo da costa, as águas chegaram a transpor a muralha.

A marginal entre a **Ribeira Brava** e a Tabua, também foi seriamente afectada pelas quedas de pedras que sucediam, condicionando o trânsito local.

Na zona norte vários foram os desabamentos verificados. A Estrada Regional que liga a vila da **Ribeira Brava** a São Vicente, mais concretamente, no sítio da Meia Légua (**Ribeira Brava**) ficou intransitável. Como resultado da derrocada registada às 6h da madrugada, ali, os estragos eram bem visíveis. A enorme quantidade de lama que se encontrava no pavimento obrigava a cuidados redobrados por parte dos automobilistas que por lá transitavam. Também, antes da Encumeada, a estrada estava obstruída por terras e algumas árvores que cederam com as chuvas. Bem como, à entrada da Vila de São Vicente.

No Funchal verificaram-se algumas inundações em garagens nas proximidades da Ribeira de Santa Luzia, nos Viveiros.

Parte da ponte velha da Ribeira dos Socorridos (Câmara de Lobos) desabou durante a noite resultado do mau tempo. Este provocou também inundações na freguesia da Camacha e concelho de Santa Cruz.

Em Machico a forte ondulação chegou a galgar a marginal que dá acesso ao cais daquela cidade, empurrando três embarcações. Duas submergiram e outra foi jogada contra as rochas. Um caudal de lama, proveniente de uma estrada em construção, invadiu durante a madrugada uma casa e um estabelecimento de bar do sítio dos Landeiros, tendo provocado prejuízos vários.

No sítio da Ribeira Funda (Seixal), uma máquina e o seu condutor ficaram soterrados pela manhã. A tragédia ocorreu quando uma equipa da Direcção Regional de Estradas procedia à limpeza da estrada que liga o Seixal ao Porto Moniz. Para além do condutor da máquina também ficou ferido um trabalhador da Direcção Regional de Estradas.

Na vila da Camacha, mais especificamente no parque de estacionamento de um stand de venda de automóveis, há a registar um deslizamento de terras que causou o afundamento de três carros, derivado à grande acumulação de água, no terreno onde o mesmo está instalado.

Situação bem delicada, resultante da “anormal precipitação que se registou no sítio do Ribeiro Serrão” (DNM, 21 Out. 1997), quando um deslize de terras originou o rebentamento de um cano de água, água que foi desaguar à estrada do Ribeiro Serrão. Isto ocorreu a mais de 600m acima da estrada e “provocou uma impressionante descida de lama por uma vereda, servindo a estrada como receptor final desta “onda” de lama” (DNM, 21 Out. 1997).

A **23** do mesmo mês, a Estrada Velha que liga a **Ribeira Brava** à Tabua (ER221), no sítio da Corujeira, ficou interrompida devido a um desabamento de terras. Um pouco por todo o lado houve caudais de água lamacenta a tornar estradas intransitáveis, diversas inundações e pequenos desabamentos.

Em Santa Cruz, registou-se a parcial obstrução da estrada que liga o Ribeiro Serrão ao Rochão, freguesia da Camacha, e uma inundação nas proximidades do Hotel D. Pedro/Garajau, que atingiu várias residências.

No primeiro caso, um grande caudal de lama, alegadamente devido a terras mexidas numa propriedade de criação de porcos, no Pico da Giesta, tornou intransitável a estrada. Uma situação idêntica verificou-se nas Carreiras. Acrescente-se a inundação de uma residência no sítio da Abegoaria freguesia do Caniço.

No Funchal, em vários pontos, verificaram-se inundações. Houve, ainda queda de blocos na cota 200 e na Estrada da Boa Nova.

No dia **25** as fortes chuvadas que se abateram sobre toda a ilha, com especial incidência na zona norte, provocaram alguns estragos, mormente alguns aluimentos de terras ou desabamentos que condicionaram o trânsito automóvel. O mais grave incidente ocorreu no Lombo do Mouro, na estrada que liga a Encumeada ao Paul da Serra. A quantidade de pedras que se abateram foi de tal ordem que obstruiu totalmente aquela via e fez com que parte da mesma abatesse o que levou ao seu encerramento.

Também nos Vinháticos, um pouco acima da pousada do mesmo nome, o trânsito ficou condicionado em virtude de um desabamento de terras que obstruiu parcialmente aquela via.

A Estrada Regional 103, no dia **27**, na zona da Fajã da Nogueira (Camacha), foi encerrada devido a um desabamento.

No mês seguinte (**Novembro**), no dia **2**, em consequência do mau tempo, no Pico do Lombo (Monte) as terras de uma futura urbanização foram arrastadas e ameaçaram algumas casas, numa das quais a lama atingiu meio metro de altura, pondo crianças em perigo. Várias situações de inundações, desabamentos e árvores caídas constataram-se no Funchal.

“As chuvas que caíram durante a madrugada “varreram” terras e pedras pelas encostas, cujo resultado viria a ser notório nas estradas de toda a ilha ficando alguns troços encerrados ao trânsito” (DNM, 3 Nov. 1997).

A estrada Regional 101 entre São Vicente e Porto Moniz ficou obstruída, no sítio da Ribeira Funda, devido a um desabamento.

Na freguesia da **Tabua**, no sítio da Meia Légua (**Ribeira Brava**), nas proximidades do Rosário (São Vicente) e no Caminho dos Pretos (Monte). Em qualquer destes percursos registaram-se vários aluimentos de terras ou desabamentos, mas os casos de maiores dimensões foram sobretudo devidos a grandes correntes de água que arrastaram para a estrada tudo o que apanharam pela frente: terra, pedras e ramos.

Na estrada que dá acesso ao Curral das Freiras, a situação foi um pouco mais complicada, na medida em que o caudal que surgiu logo a seguir ao segundo túnel arrastou pedras e lama até ao centro da freguesia. A grande enxurrada que percorreu a estrada obrigou a um despertar de emergência de alguns comerciantes, que embora atentos a estas situações, foram encontrar os seus estabelecimentos já alagados.

Também algumas casas foram inundadas no Funchal. Nos apartamentos do Galeão, a lama proveniente de um jardim sobranceiro também alagou uma moradia.

Um desabamento de terras junto à ribeira na Fundoa de Cima (São Roque), arrastou parte da conduta que transporta a água potável que abastece os subúrbios do Funchal. Várias inundações sem gravidade verificaram-se em Machico, tal como a queda de um muro junto à Zona Industrial dos Socorridos, ainda, um desabamento na Meia Léguas (**Ribeira Brava**), um em São Paulo (**Ribeira Brava**) e outro na Madalena do Mar, (sitio dos Anjos).

No último mês (**Dezembro**), nos dias **5, 6, 7, 8** nestes dias verificaram-se fortes chuvas, que contribuíram para que entre São Vicente e o Porto Moniz, fossem arrastadas terra e pedras para a estrada, chegando a fechar-se o troço.

Pequenos desabamentos registaram-se por toda a ilha, uma das quais com maiores dimensões na Boaventura. Um desabamento na ER, no sítio da Pedra (Seixal), obrigou ao encerramento do trânsito automóvel. Os maiores caudais arrastaram lama e pedra; registaram-se na Fajã da Pereira e na Ribeira Funda, (Seixal). Também na estrada que liga a Portela ao Porto da Cruz, sucederam-se alguns desabamentos. Duas inundações registaram-se no Funchal pela manhã.

A forte ondulação também deixou rasto de destruição no Garajau e na Praia Formosa, as ondas galgaram o perímetro da praia e destruíram parcialmente algumas barracas que ali se encontravam e projectaram para terra muitas pedras do “calhau”.

Também nas zonas marginais da **Ribeira Brava** e da Ponta do Sol estas ondas causaram apreensão. Na Ribeira Brava o mar chegou a galgar a muralha marginal, arrastando consigo algum lixo que se encontrava depositado no “calhau”. A rampa de acesso ao “calhau” junto à ponte marginal teve de ser barricada pelos serviços camarários com sacos de areia, para impedir a entrada de água, situação que, mesmo assim, se veio a verificar ao início da tarde. Na zona do complexo balnear, completamente absorvida pela forte rebentação, constatou-se mesmo a entrada de água na zona comercial ali existente. No cais, a água chegou junto ao túnel de acesso, onde um turista foi apanhado pelas ondas do mar, sendo salvo por um popular. Na Ponta do Sol, o cenário foi semelhante. A água galgou o cais e foi tanta que chegou a escorrer para a estrada marginal. Os balneários da praia, foram muito fustigados.

No dia **14** a forte ondulação voltou a fazer estragos. No Porto Moniz, um estrangeiro e uma local foram arrastados por uma onda, tendo ambos sido recolhidos por uma embarcação de pesca que passava no local. Na Praia Formosa, as ondas destruíram barracas, que funcionavam como estabelecimentos. Estas também atingiram o parque de estacionamento. Na **Ribeira Brava**, a forte ondulação quase arrastava um automóvel que se encontrava parado no cais foi retirado a tempo pelos bombeiros, embora; já depois de ter sofrido algumas mossa

na carroçaria, provavelmente provocados pelas pedras enroladas nas ondas. Uma canoa afundou-se e um automóvel foi levado pelas ondas. A marginal da vila foi fechada ao trânsito. Também na Ponta do Sol, o mar causou elevados prejuízos no quiosque e na esplanada, o que levou ao encerramento das mesmas.

A **17** do mesmo mês, o mau tempo deixou rasto de destruição por todo o lado. Diversas foram as inundações, quedas de árvores e desabamentos.

Foram encerradas ao trânsito as seguintes estradas: Seixal/Porto Moniz, Camacha/Santo da Serra e estrada do Curral das Freiras. Condicionadas estiveram outras, nomeadamente a ER102 Funchal/Camacha devido ao transbordo da Levada do Norte no sítio do Ribeiro Fernando. A levada entupiu e a água veio pela ribanceira abaixo, chegando a pôr em causa uma habitação. O lameiro invadiu a referida casa, causando vários prejuízos.

O caudal das ribeiras aumentou significativamente, a Orla Costeira foi assolada por forte ondulação. Um desabamento de grande proporções antes do túnel do Curral das Freiras (sítio do Colheal), fez com que a estrada fosse encerrada. Houve, ainda a inundação de casas no Calvário (Santo António), onde a ribeira invadiu uma habitação.

Na Corujeira, um desabamento chegou a interromper a estrada. Em Machico voltaram as habituais inundações. Desta feita, na Ladeira, na Serra de Água e na Rua do Ribeirinho. Na Costa Norte, a queda de blocos fez com que os automobilistas abrandassem a marcha.

Mas as fortes chuvadas que durante a manhã assolaram Santa Cruz provocaram várias pequenas inundações, transformando algumas das ruas do centro da cidade em autênticos lagos, quase impossíveis de transpor sem “botas de água”.

Nas ruas do centro da cidade o cenário era o mesmo, com vários estabelecimentos abaixo do nível da rua a inundarem.

A **19**, no Paul do Mar, o mar “enrolou” 4 pessoas, incluindo uma criança, que ficaram com alguns ferimentos. Nesta vila piscatória as ondas galgaram a terra, derrubaram pessoas e invadiram casas.

Dois dias depois (dia **21**), um desabamento no sítio das Romeiras (Estreito de Câmara de Lobos), as águas pluviais, que se acumularam na estrada de acesso ao Jardim da Serra, galgaram a estrada em direcção a uma ribanceira de terrenos baldios, levando parte do muro de suporte da estrada, o que afectou também a levada do Norte e colocou três casas em perigo.

O sítio da Fajã da Ribeira (**Ribeira Brava**) teve um desabamento de grandes proporções durante a madrugada que ameaçou mais de uma dúzia de casas. “As enxurradas”

com pedregulhos com mais de 4 toneladas levou tudo pela frente. Socalcos cultivados, bananeiras e até um “chiqueiro” (DNM, 22 Dez. 1997).

“A precipitação dos últimos dias e uma suposta fenda na rocha fez desabar a encosta no leito do ribeiro íngreme. A derrocada chegou à estrada e ameaçou bens patrimoniais e vidas humanas, na Meia Légua (Ribeira Brava) (DNM, 22 Dez.1997).

● 1998

A **11 e 12 de Janeiro** a estrada entre a vila de São Vicente e a Freguesia da Ponta Delgada foi encerrada ao trânsito automóvel devido a um aluimento de terras que ali ocorreu no final da tarde. O troço de estrada que liga o Seixal à Ribeira da Janela foi interrompido devido a um desabamento de grandes proporções. A zona Oeste da ilha esteve de vigilância às rochas que continuaram a cair, pondo em risco vidas e automóveis.

Um pouco por toda a ilha registaram-se várias inundações. As zonas mais afectadas por este tipo de incidentes foram as cidades do Funchal e Machico, onde as águas inundaram várias residências.

A **31** do mesmo mês, um morto é o resultado de um desabamento de terras constatado no Garachico (Estreito de Câmara de Lobos), em virtude do mau tempo que assolou a Madeira na última madrugada. “A enxurrada de terras e pedras, arame de latadas, estacas e árvores atingiram o malogrado levando-o à morte” (DNM, 1Fev.1998).

Também em virtude do mesmo mau tempo, a Camacha foi seriamente afectada e vários foram os estragos provocados por diversos desabamentos e enxurradas de lama que se verificaram por toda a freguesia. Aqui, numa casa geminada, localizada a cerca de 50m acima da Estrada Regional 102, viu-se um colossal desabamento de lama e pedras, que cercou a casa onde residiam cerca de 30 pessoas. No sítio da Ribeirinha, uma enxurrada de lama “invadiu” uma residência. No sítio do Rochão, a força da água fez ceder a parede de um “palheiro”. Verificou-se, também, um desabamento no Ribeiro Serrão e a queda de um muro da “Alumisol”. As estradas locais foram também atingidas pela violência da intensa pluviosidade, notando-se na Estrada Regional 102, muitas camadas de alcatrão deslocadas assim como na “Recta da Camacha” onde, a poucos metros, no sítio do Serralhal, Caniço, ocorreram mais dois desabamentos.

“Um morto no Garachico, dois transbordos de ribeiros, três dezenas de inundações e duas dezenas de desabamentos foi o balanço do temporal” (DNM, Fev.1998).

As fortes chuvadas que caíram de madrugada causaram o pânico no Garajau. Inundações, desabamentos, enxurradas e cortes de estrada foram os ingredientes também no

Garajau. A praia ficou isolada porque a única estrada que dá acesso ao local ficou intransitável com grandes crateras e entulho com mais de 2m. Esta foi engolida pela enxurrada de lama e pedras, soterrando uma dúzia de casas. Houve 16 pessoas evacuadas e 8 carros apanhados de surpresa.

As chuvas, originando desabamentos verificaram-se um pouco por todo o lado, tendo os prejuízos atingido casas, estradas e terrenos cultivados.

Em Câmara de Lobos, pelo menos três famílias “acordaram” com a queda de materiais sobre suas casas, no sítio de Belém. Os pedregulhos provocaram rombos nas casas cheias de remendos. Aconteceram vários desabamentos também no Caminho da Camacha, na **Ribeira Brava**, e Abegoaria, e no Caniço. Nesta última povoação também a água e a lama invadiram uma moradia.

A baixa da Vila da **Ribeira Brava** foi inundada, pelas águas torrenciais que desceram desde a Serra de Água, onde também os desabamentos, para além de destruírem dois automóveis, obstruíram parcialmente a Estrada Regional. Os casos mais graves registaram-se entre a saída da Via Rápida e a Serra de Água.

“Um alegado entupimento das sarjetas na marginal da **Ribeira Brava** deu origem a que a vila se transformasse num lago, inundando por completo a corporação de bombeiros e o centro de saúde locais. Nos bombeiros, o mobiliário ficou praticamente irrecuperável” (DNM, 2 fev.1998).

Em Santo António, um desabamento abateu-se sobre um automóvel que se encontrava parado no Caminho de Santo António, entre a igreja local e o sítio das Courelas.

Entre as 9h de Sábado e as 9h de Domingo, a maior precipitação aconteceu em Santa Cruz (82,7 litros por m²), Lugar de Baixo e Ponta do Sol (71 litros), Funchal (64,2 litros), Quinta Magnólia (64,2 litros), Santana (48 litros) e Porto Santo 32,2 litros). O vento atingiu rajadas de 80km/h.

Inundações várias na cidade de Santa Cruz, com especial destaque para a invasão da igreja matriz. Idêntica situação verificou-se em Machico. Acrescentam-se a inundações de um restaurante na Marina do Funchal, de duas casas no caminho da Levada dos Tornos (Corujeira), uma casa no Caminho Velho (São Roque) e ainda de uma outra residência situada no Beco do Socorro.

A forte ondulação atacou a marginal da vila da Calheta e galgou a barreira de protecção do Bairro dos Pescadores na Madalena do Mar. Registou-se também um desabamento na estrada que liga a Portela ao Porto da Cruz, outra na Estrada Regional 101, entre as Cabanas e o Arco de São Jorge, e três na estrada que liga São Vicente ao Porto

Moniz. Também no sítio da Marinheira (Estreito de Câmara de Lobos) se registou um desabamento.

A **7 de Fevereiro**, dizia-se que “Um pouco por todo o lado, os terrenos estão a ceder devido ao peso da água da chuva”(DNM, 8 Fev. 1998). Na Ribeira Grande (Santo António), o caudal da ribeira varreu os alicerces da estrada que dá acesso a alguns estaleiros, por onde circulavam com bastante frequência camiões, o que obrigou à interdição da referida via.

Vários desabamentos, embora de pequenas proporções, obrigaram, por uma questão de segurança a trabalhos de limpeza e ao fecho da marginal que liga São Vicente ao Porto Moniz. Por outro lado, no sítio do ribeiro de Alforra e Fonte Garcia (Câmara de Lobos), a ameaça de derrocada deu origem ao evacuamento de pelo menos seis famílias.

Um desabamento à saída do túnel da Ribeira do Inferno (Seixal), surpreendeu um automobilista. Um “Jeep” ficou praticamente irreconhecível, o condutor e único ocupante saiu ileso. O incidente motivou o encerramento da Estrada Regional entre São Vicente e Porto Moniz durante algumas horas.

No Faial, um deslizamento de terras nos terrenos que descem do forte do Faial para os lados da Fajã de Mar, que causou grandes prejuízos. Este destruiu diversas fazendas e respectivas culturas.

Um desabamento de grandes dimensões (algumas rochas pesavam toneladas), a **17 de Fevereiro** fechou a Estrada Regional 103 no Faial numa extensão aproximada a 20m.

Junto às instalações da “Shell” na Praia Formosa, um desabamento com pedras de grande porte atingiram um automóvel no dia **21 de Fevereiro**, provocando grandes danos e obstruindo a via.

A **9 de Maio** como resultado das chuvas que caíram de madrugada, vários foram os estragos, sobretudo no início da vereda do Livramento (Funchal), onde pelo menos uma casa foi invadida pela torrente de lama. No mesmo mês, a **29**, um desabamento obstruiu a Estrada Regional entre Machico e a Portela.

A **5 de Julho** um desabamento ocorrida no sítio da Fajã da Pereira, Seixal, levou ao encerramento temporário da estrada que liga São Vicente ao Porto Moniz impossibilitando o trânsito automóvel, mais precisamente no troço compreendido entre o Seixal e a Ribeira da Janela.

Neste ano no mês de **Outubro** duas situações merecem menção. A primeira, no dia **7**, nas vertentes sobranceiras à Estrada do Aeroporto, próximo da ponte da Boa Ventura em Santa Cruz, desprende-se um grande volume de rochas.

A segunda, ocorreu nos dias **17** e **18**, as chuvadas durante a madrugada (dia 17), provocaram diversas inundações e lamaçais em vários sítios do Funchal. No sítio das Casas Próximas (Santo António) registou-se um deslizamento de terras para a via pública transformando-a num autêntico lamaçal. Um desabamento de grandes proporções ocorrida pelas 17horas no sítio da Laje (Encumeada), obrigou a encerrar a estrada entre a **Ribeira Brava** e São Vicente. Durante a noite verificou-se ainda um outro aluimento de terras na margem direita da **Ribeira Brava**, que destruiu cerca de quatro mil metros quadrados agricultados.

Uma outra derrocada de considerável dimensão (dia **18**), na estrada marginal que liga a Boaventura à Ponta Delgada impediu o trânsito automóvel. Na Camacha, um deslizamento de terra pela encosta virada a Sul, levou ao entupimento da Levada da Serra, ameaçando os terrenos e bens localizados abaixo do complexo desportivo do Clube de Futebol União.

● 1999

Neste ano várias foram as situações registadas.

Logo nos primeiros dias do ano (**4, 5, 6** e **7** de **Janeiro**), um desabamento fechou a Estrada 110 que liga **Encumeada** ao Paul da Serra. “O desabamento de pedras e de terra não só fechou aquela via a todo o trânsito automóvel como também a peões, devido às más condições atmosféricas” (DNM, 5 Jan. 1999).

Durante a noite do dia **5**, uma onda arrastou um homem no cais da **Ribeira Brava**; grandes vagas também chegaram a atingir a marginal e arrastaram outro jovem que foi salvo por populares. No Estreito de Câmara de Lobos, no sítio da Igreja, registou-se uma inundação.

Um desabamento fechou ao trânsito automóvel, a marginal do norte da Ilha que liga São Vicente ao Seixal.

No mesmo mês, nos dias **12** de **13**, o temporal verificado deixou marcas em vários locais do norte. Pequenas quebradas nos acessos aos pontos altos do Funchal (Estrada do Funchal via Poiso) causaram alguns estorvos no acesso a algumas localidades e lugares.

A estrada de acesso aos sítios de Limoeiro e Fajã da Murta esteve parcialmente interrompida durante o dia, devido à queda de algumas pedras, de um alto barranco sobranceiro à estrada e sem muro de suporte. O desmoronamento de uma parede e de terras, no Caminho das Voltas, obstruiu a estrada.

Em São Vicente, várias pedras caídas encontravam-se pelas estradas do concelho, a Escola Secundária foi encerrada devido às más condições e ao perigo em transitar. A piscina pública do Concelho foi invadida por rochas trazidas pelas ondas que destruíram grande parte da zona de solário e iluminação.

Um desabamento de grande volume ocorreu na Estrada de ligação ao Curral das Freiras no dia **6** de **Fevereiro**, isolando a freguesia o volume de materiais foi de tal ordem que soterrou a via.

No mês seguinte (**Março**), no dia **1** um desabamento levou ao encerramento da via entre Seixal e São Vicente. No dia **24** uma pedra de grande porte, desprendeuse do talude rochoso e atingiu um automóvel na Tabua (**Ribeira Brava**) onde viajavam uma mulher, que sofreu uma lesão numa das mãos, e uma criança de 3 anos.

No mês de **Abril**, dia **2**, uma queda de blocos na marginal da **Tabua**, mais precisamente à saída do túnel que liga a Tábua ao Lugar de Baixo, ameaçou a vida de automobilistas e transeuntes, tendo inclusivamente atingido um automóvel.

A **15** de **Maio**, um desprendimento de pedras das encostas sobranceiras à marginal da **Tabua**, junto ao posto de abastecimento de combustíveis, atingiu um automóvel, destruindo-o parcialmente. A **25** do mesmo mês, uma mulher foi gravemente atingida por uma pedra que se desprende de uma escarpa sobranceira à praia da Madalena do Mar, quando apanhava sol.

Em **Setembro** há que salientar cinco situações. No dia **12**, em Câmara de Lobos um desabamento feriu um trabalhador. A **15**, as pedras voltaram a cair na estrada marginal entre a **Ribeira Brava** e a Tabua, e terão estado na origem de um grave acidente de aviação, ali registado durante a madrugada, do qual o resultou um ferido grave. No dia seguinte, um automóvel foi atingido por pedras na **Achada Mouro**, na estrada que liga a Encumeada ao Paúl da Serra, tendo daí resultado dois mortos e ferimentos numa terceira pessoa. Também na marginal que liga **Ribeira Brava** à Tábua, ocorreu um desabamento que obrigou ao seu encerramento.

No dia **19**, junto à escarpa do cemitério da **Ribeira Brava** verificou-se um desprendimento de pedras e terra que obstruiu a estrada. Na Fajã das Galinhas, a **25** do mesmo mês, as pedras a caíram sobre a nova via de acesso.

Três novas situações registaram-se no decorrer do mês de **Outubro**. A primeira ocorreu no dia **3**, com o desprendimento de uma pedra de grandes dimensões da encosta, que danificou um automóvel e fez um ferido na estrada que liga o Seixal ao Porto Moniz. A **10**, as fortes chuvadas que se fizeram sentir estiveram na origem dum desabamento de terras, de uma área de aterro. A água da Levada dos Tornos transbordou e arrastou lama e pedras invadindo algumas casas. Duas famílias tiveram que abandonar as casas onde viviam por estas terem ficado soterradas e só a sorte os salvou.

No Funchal ocorreram alguns desmoronamentos de pequenas dimensões, na via denominada “cota 40” três viaturas ficaram parcialmente submersas, noutros pontos da cidade também se verificaram inundações. Em Gaula a lama invadiu algumas casas. Na Camacha, a Casa do Povo local foi inundada.

No dia **27**, sarjetas entupidas, ruas e casas alagadas, bem como pedras nas estradas, estiveram na ordem do dia, felizmente sem consequências graves.

Em resultado das grandes chuvadas, o ribeiro do sítio do Loural, no Rosário (S. Vicente), entupiu a pequena ponte. Água, pedras e lama fecharam a estrada, idêntica situação ocorreu em diversos pontos daquele concelho.

Entre a Serra de Água e o Rosário (S. Vicente), via Encumeada, muitas eram as pedras no asfalto, traduzindo-se em acidentes de viação e até pessoais.

“Um pouco por todo o lado, as grandes chuvadas que caíram nos últimos dias provocaram desabamentos, inundações, desmoronamentos de muros e terrenos e até em parte algumas residências” (DNM, 28 Out. 1999).

No Funchal, parte de uma casa abateu e outra foi ameaçada com a queda de um muro nas traseiras. Na Urbanização do Galeão (S. Roque), um apartamento ficou praticamente inabitável, razão pela qual a Câmara Municipal do Funchal instalou a família que corria risco, um casal e três filhos numa residencial do Funchal. Registaram-se dois desprendimentos de pedras na marginal da Calheta e um desabamento, embora de pequenas proporções, na estrada regional entre a Portela e o Santo da Serra.

A **29 e 30 de Outubro**, “Em resultado das últimas chuvas, algumas casas tremeram e ruíram parcialmente. Outras ameaçam ruir caso a chuva teime em cair com tamanha intensidade” (DNM, 30 Out.1999). As inundações foram incontáveis. No Funchal, desmoronamento de muros e muitos danos materiais em móveis e electrodomésticos dentro de casas. No Beco da Trindade uma casa ficou parcialmente destruída e outra ficou em vias de cair devido à infiltração de águas da chuva. No caminho D. João, um muro de uma quinta abateu sobre duas casas provocando diversos prejuízos.

A derrocada que ocorreu durante a madrugada antes do túnel da Ponta Delgada fez encerrar aquela estrada que liga S. Vicente a Boaventura.

A **30 de Novembro**, verificaram-se pequenos desabamentos e quedas de muitas pedras, à entrada para Machico. Um desabamento obstruiu uma estrada na Camacha.

Em **Dezembro**, no decorrer do dia **4**, a chuva que caiu de madrugada e durante o dia, arrastou lama, transformando algumas áreas em autênticas piscinas de lama no Lazareto, que aos poucos foi entrando nas residências que ladeiam a estrada. O Beco da Rochinha, foi encerrado ao público devido à queda de um muro.

Um homem de trinta e nove anos morreu no dia **7**, na sequência de uma enxurrada ocorrida no sítio do Ribeiro Serrão (Camacha), que lhe danificou o automóvel que fora ribeira abaixo. A **8**, um desabamento ocorreu na zona da Meia Serra atingiu o mesmo sítio Ribeiro Serrão (Camacha), arrastando casas e palheiros.

No dia **13**, as pedras e os desabamentos sucederam-se entre Santana e Boaventura.

Em suma, neste século pereceram 100 indivíduos devido às 47 cheias rápidas e/ou inundações, aos 201 desabamentos, às 34 quedas de blocos e às 15 fortes ondulações com um registo cada. Destas crises resultaram 100 mortos (gráfico 48).

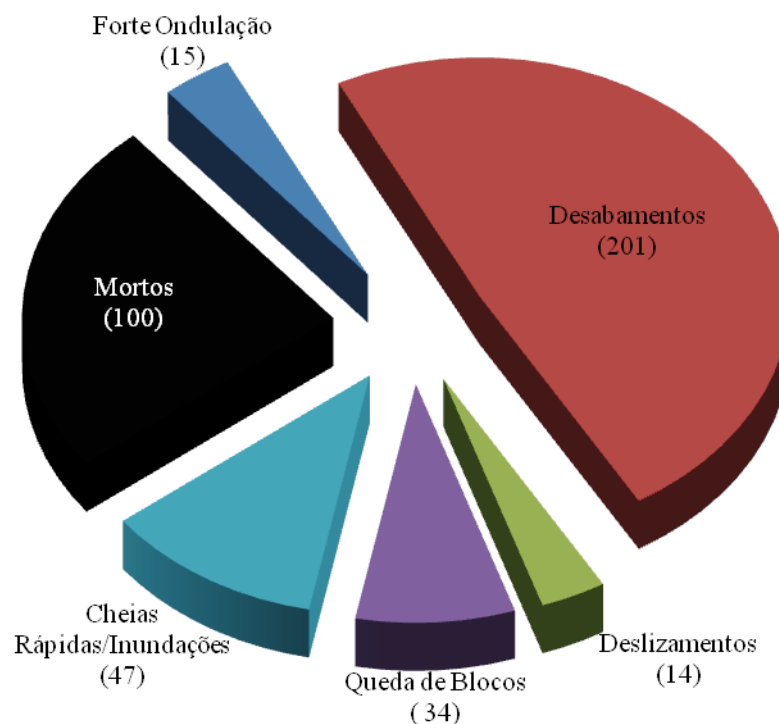


Gráfico 48 – Total de crises registadas na ilha da Madeira no período de 1900 a 1999

Fonte: Diário de Noticias da Madeira, Elucidário Madeirense (Silva e Menezes, 1997), Quintal (1999)

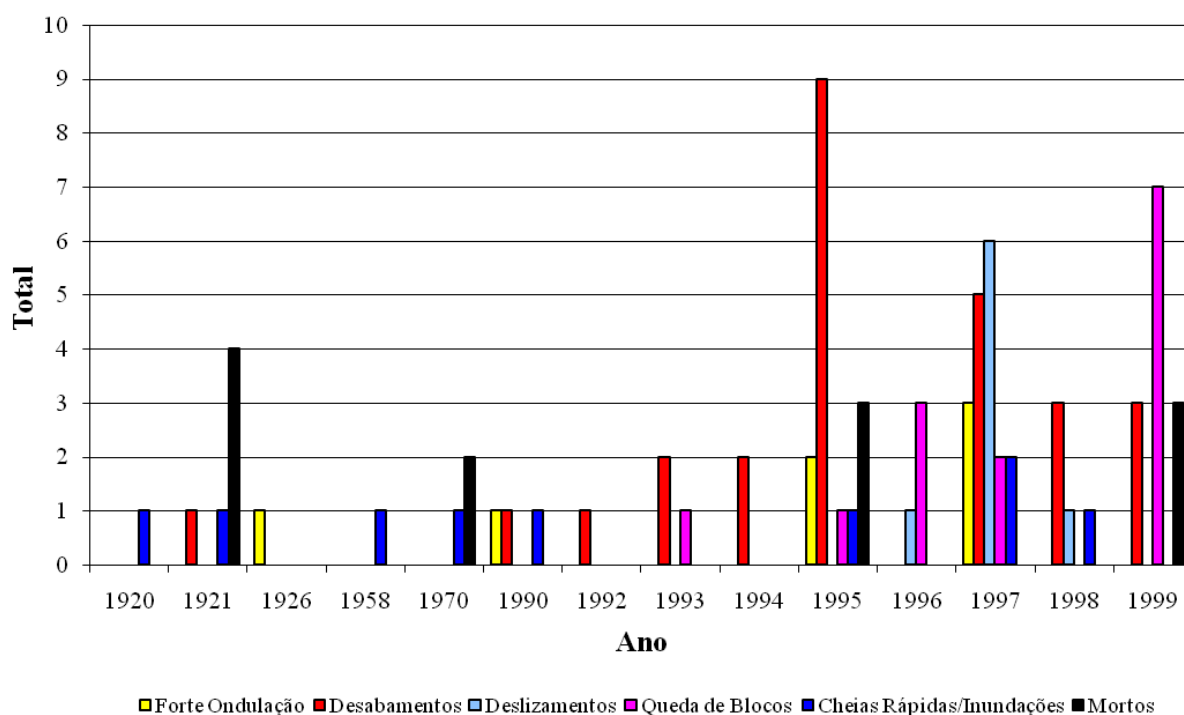


Gráfico 49 – Total de eventos registados no concelho da Ribeira Brava no Período de 1900 a 1999
Fonte: Diário de Notícias da Madeira, Elucidário Madeirense (Silva e Menezes, 1997), Quintal (1999)

Das crises anteriormente mencionadas, 9 cheias rápidas, 7 fortes ondulações, 27 desabamento, 14 queda de blocos e 8 deslizamentos registaram-se na Ribeira Brava. Tendo em resultado das mesmas 12 mortos, como nos mostra o gráfico 49.

Da análise do gráfico, podemos concluir que o ano de 1995 foi aquele que verificou mais desabamentos (n=9). 1999 foi o ano em que as quedas de blocos mais se verificaram (n=7). Em 1997, verificaram-se mais cheias rápidas e sendo que os desabamentos aparecem em segundo lugar (n=6 e n=5 respectivamente).

Verificamos ainda que a partir de 1995 o número de eventos registados na **Ribeira Brava** aumenta.

6.2.6. Século XXI

O início do século XXI foi também repleto de manifestações de crises na ilha da Madeira. Seguidamente, iremos descreve-las segundo o ano:

● 2000

No primeiro ano deste século, durante o mês de Janeiro duas situações são dignas de registo. A primeira, no dia **11**, corresponde a uma pedra de grande porte que se desprendeu da

encosta, atingiu uma viatura e fez um ferido ligeiro. E a segunda, a **18**, fez com que “parte do vazadouro de terras existente no Santo da Serra deslizesse pela encosta abaixo devido à forte precipitação que se tem feito sentir nas zonas mais altas da Madeira” (DNM, 19 Jan. 2000).

No mês de **Fevereiro**, quatro situações foram noticiadas. Dia **9**, a queda de rochas, terra e bananeiras na estrada, no sítio dos Anjos, freguesia da Ponta do Sol, deixou a ligação com a Madalena do Mar interrompida ao trânsito. No dia **13**, uma pequena derrocada entre a Ponta Delgada e a primeira Lombada condicionou o trânsito naquele local.

A **15** desse mês, uma pedra de grande porte caiu junto à entrada do túnel que liga o Lugar de Baixo à vila da Ponta do Sol, derrubou parte do betão e espalhou-se no asfalto, condicionando o trânsito. E finalmente, no dia **28**, dois desabamentos, a primeira despertou, por volta das quatro e meia da manhã, o Cural das Freiras, a segunda ocorreu quando se procedia aos trabalhos de remoção.

A **31** de **Março**, o resultado das fortes chuvas que caíram durante o dia, um pouco por toda a ilha, traduziu-se em queda de blocos e adufas entupidas, causando alguns estragos. Na Estrada Regional 101, na Ribeira de São Jorge, uma queda de blocos obstruiu parcialmente a faixa de rodagem.

No mês de **Abril** houve três situações relacionadas com chuva intensa. A **6**, o transbordo da ribeira, na Terra Chã (Cural das Freiras), causou vários prejuízos. Duas casas, uma das quais recentemente construída, e outra com residência e estabelecimento de bar, foram as mais atingidas. O caudal arrastou parte de uma delas, quatro casas de banho e uma pocilga com um suíno. Outras casas construídas muito próximo do leito da ribeira estiveram sob a ameaça de serem arrastadas pelas águas. O muro da ponte foi derrubado pelas enormes pedras e a estrada que dá acesso à Seara Velha e aos locais mais distantes da freguesia foi obstruída. “Segundo os mais velhos do sítio, aquele caudal deveu-se à derrocada de materiais provenientes das obras de construção do túnel e de outras rochas provenientes de desabamentos, existentes abaixo dos Sarradinhos, nas proximidades da “Casa da Luz” (DNM, 7 Abr. 2000). Ainda na estrada de acesso ao Cural das Freiras, caíram várias pedras.

No concelho da Ponta do Sol, a muita chuva fez-se sentir no Carvalhal (Canhas) e no Pomar D. João. No primeiro, a estrada inundou devido a algumas sarjetas entupidas; no segundo, a lama invadiu seis moradias. Na Estrada Regional 101 entre a Bica da Cana e a Encumeada foram várias as pedras que caíram na estrada.

No decorrer da noite do dia **12**, na estrada marginal entre a **Ribeira Brava** e a Tabua, pedras de consideráveis dimensões irromperam escarpa abaixo, deixando algumas marcas, não só dentro do posto de abastecimento de combustível, mas também na própria estrada.

A **15** um pequeno desabamento, na estrada para o Curral das Freiras, condicionou o trânsito local.

O mês de **Mai** desse ano registou quatro acontecimentos. Nos dias **1** e **2** a estrada que liga Ponta Delgada a Boaventura, ficou interrompida por um desabamento. Também na marginal da **Ribeira Brava** a Tabua as quedas de pedras sucederam-se.

A **15**, na Boaventura, as chuvas potenciaram a queda de blocos e os desabamentos sucederam-se a um “ritmo estonteante”. A situação mais complicada verificou-se pela manhã quando um desabamento obstruiu a estrada que liga Boaventura a Ponta Delgada.

No dia **22**, novamente um desabamento interrompeu o trânsito na Estrada Regional 220, entre a Boaventura e a Ponta Delgada.

A **13** do mês seguinte, **Julho**, na marginal da Calheta, um condutor foi surpreendido por uma pedra que se desprendeu da encosta, atingindo o pára-brisas da viatura danificando-o.

O desabamento de um muro ocorrido no dia **18**, obrigou a novo encerramento da Estrada Regional 101, entre Boaventura e Ponta Delgada.

Em **Agosto**, somente duas situações há a registar; logo a **13**, um desabamento na Estrada Regional, próximo à Capela dos Anjos (Ponta do Sol), numa extensão de 10m, terra e pedras fecharam parte da via. Os casos mais graves registaram-se no Norte da Ilha, em São Vicente, onde se observaram inundações em algumas habitações. Na marginal que liga **Ribeira Brava** à Tabua caíram pedras de grande porte.

Quanto à segunda situação, no dia **16**, na Praia Formosa, em consequência de uma queda de blocos das escarpas sobranceiras ao parque automóvel ali existente, dois automóveis saíram danificados e a área foi encerrada.

Em **Setembro**, no dia **20**, um desabamento na zona da Furna (São Jorge), condicionou a circulação de veículos durante manhã.

No último mês deste ano, quatro situações há a mencionar, a primeira logo no início do mês, no dia **8**, no Funchal a situação mais grave foi a destruição pela água das chuvas dos alicerces de uma habitação na Corujeira de Dentro. Também se observaram estradas alagadas

e enlameadas, ramos de árvores partidos pelo vento e pequenas inundações por toda a cidade. Em Câmara de Lobos, pequenas inundações também causaram danos significativos.

Na **Ribeira Brava**, pequenos desprendimentos de terras, entulho arrastado pelas ribeiras e mar alteroso foram os factos mais visíveis. A forte ondulação “lavou” com água salgada toda a faixa litoral. No cais as ondas galgaram a infra-estrutura, tendo sido vedado o acesso. Um desabamento na Encumeada e um outro no troço “Boca da Encumeada”- Paul da Serra levou ao encerramento da via.

Outra localidade afectada foi o Paul do Mar onde a força do mar quebrou a ponta do cais. Os danos foram também evidentes nas plantações e nos acessos.

Entre a Ponta do Sol e a Madalena do Mar os danos observaram-se nas fazendas dos residentes e na estrada haviam caído algumas pedras.

Na zona Leste da Ilha o destaque vai para a ocorrência de um desabamento que cortou a estrada Santo da Serra/Portela e para o arrastamento pelas ondas do mar de três canoas que estavam no “calhau” do Porto Novo. No Caminho D. Mécia (Santa Cruz), registaram-se diversas inundações como resultado das obras que ali decorriam.

Na Banda de Além (Machico), também ocorreram pequenas inundações.

A **19** do mesmo mês, um desabamento obstruiu a estrada que liga São Jorge a Santana. A esta juntam-se ainda outros desabamentos que ocorreram nos troços entre o sítio da Ribeira Funda e o Arco de São Jorge.

No dia **21**, o mau tempo que, durante a madrugada e grande parte do dia, assolou o arquipélago da Madeira causou diversos desabamentos e quedas de árvores um pouco por todo o lado. As situações mais complicadas ocorreram na Camacha, Curral das Freiras e Funchal.

Um desabamento de consideráveis proporções registado na Estrada Regional 102, no sítio do Rochão, interrompeu o trânsito automóvel entre a Camacha e o Santo da Serra. Vários outros desabamentos obrigaram à interrupção do tráfego automóvel no Caminho Municipal do Rochão.

No Curral das Freiras, as águas das chuvas fizeram transbordar a ribeira lançando o pânico entre os moradores das redondezas.

No que concerne ao concelho do Funchal, há a destacar o desabamento de um muro na rua da Torrinha e a ocorrência de pequenas inundações em estabelecimentos comerciais.

Resultado do mau tempo que assolou a ilha, assistiu-se na véspera de natal (**24 Dezembro**) a mais um desprendimento de pedras na estrada marginal entre a **Ribeira Brava**

e a Tabua. Uma outra derrocada registou-se à saída do túnel de acesso ao cais da vila, do qual resultaram prejuízos elevados num estabelecimento comercial, “Cais da Ribeira”, e ainda na casa das máquinas da estação elevatória de saneamento básico, situada no cais. A queda de blocos danificou quatro automóveis e bloqueou outros tantos que se encontravam na garagem do edifício Rochamar, que também apresentava mossas na retaguarda, estragos nas varandas interiores, assim como parte do pavimento junto à entrada do túnel de acesso ao cais.

Ainda na **Ribeira Brava**, o mar apresentava uma cor acastanhada e forte ondulação, obrigando ao encerramento do acesso ao cais local, enquanto que as zonas litorais foram envolvidas pela água salgada proveniente da rebentação.

As Ribeiras apresentavam forte caudal, com o conseqüente arrastamento do entulho apanhado pela corrente. A **Ribeira Brava** foi dos casos mais flagrantes, devido à “fúria” das águas, mas sem qualquer situação anómala, até porque a fluidez da corrente beneficiou muito dos trabalhos de desassoreamento que até aos últimos dias havia sido feito no seu leito.

● 2001

O ano foi repleto de acontecimentos. **Janeiro** registou três, um desabamento no dia **8** atingiu o elevador panorâmico da Fajã dos Padres (Quinta Grande), do qual resultou um morto e seis feridos, dos quais dois com gravidade e quatro ligeiros ficando o elevador inutilizado.

Três dias depois (**11**) um pouco por toda a região, foram registadas pequenos desabamentos que levaram ao encerramento de alguns troços de estrada. Nomeadamente na marginal que liga a **Ribeira Brava** a Tabua, as pedras que se desprenderam dos taludes ameaçaram quem por ali passava.

No Caminho da Portada de Santo António, Livramento (Monte), um aluimento de terras entre o Sanatório e a saída dos Marmeleiros, deveu-se sobretudo, ao entupimento, devido à falta de manutenção de uma levada de considerável caudal que passa naquelas rochas. O arruamento que dá acesso à urbanização do “Palheiro Golfe” (S. Gonçalo) foi encerrado ao trânsito, devido a um aluimento de terras.

Novamente na marginal entre a **Ribeira Brava** e a Tabua um pedregulho rolou ribanceira abaixo, atingindo a **27** de **Janeiro**, um automóvel que ficou com o pára-brisas traseiro completamente estilhaçado.

Na noite de **6** para **7** de **Fevereiro**, a forte ondulação que se fez sentir durante estes dias inundou a estrada e alguns estabelecimentos comerciais situados na outra berma. Também o mar atirou muitas pedras para a estrada, em São Vicente.

Resultado do temporal que se verificou na Região, deu-se um desabamento na Marginal entre São Vicente e a Ribeira da Janela e outro, no Caminho da Eira do Serrado, acesso ao Curral das Freiras; ambas obstruíam a estrada no dia **2** de **Março**.

De **5** a **7** de **Março**, o mau tempo causou sérios prejuízos à Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR) em Câmara de Lobos, originando o seu encerramento.

As fortes chuvas que se fizeram sentir, por toda a Madeira, causaram sérios sustos. Além da queda de uma viatura, com quatro ocupantes, na Ribeira de São Vicente, há estragos por toda a região.

Logo pela manhã, foi o Curral das Freiras a zona mais seriamente afectada. As dificuldades de acesso deixaram populações isoladas e durante o resto do dia houve alguns desabamentos. Os concelhos da Ribeira Brava e de São Vicente, foram seriamente afectados. No primeiro, foi até equacionada a construção de uma estrada alternativa como forma de evitar o isolamento. Já São Vicente, ficou com estradas cheias de pedras e entulho, contando apenas com o acesso pela Encumeada e mesmo esse muito condicionado.

Em Santa Cruz e em Machico, as ribeiras galgaram as muralhas e as inundações foram inevitáveis.

Com as ribeiras cheias e um sem-número de desabamentos, dezenas de escolas foram encerradas. “Quase todos os concelhos da Madeira viveram um dia assustador, por força da intempérie que se abateu sobre a região” (DNM, 6 Mar. 200).

No Porto Moniz, verificou-se o encerramento da estrada entre a Ribeira da Janela e São Vicente, devido a pequenos desabamentos e algumas inundações.

Em Santana houve desabamentos por todo o concelho.

Em Machico, ocorreram várias inundações, ocorreram sobretudo no centro da cidade. Situação crítica aconteceu também nos Maroços devido ao transbordo da ribeira.

No Funchal, na Sé, houve diversas inundações e desabamentos, registaram-se muitos estragos em diversas vias do concelho, vários ribeiros foram entupidos e houve alguns estragos em residências.

No Curral das Freiras, a ponte da ribeira das Balseiras ruiu, isolando os sítios das Balseiras, Seara Velha e Lombo Chão, danificando e inundando várias habitações e vários

carros. Cerca de mil pessoas ficaram isoladas devido ao corte da estrada. Trinta pessoas foram evacuadas. Seis casas foram destruídas e arrastadas pela torrente, ficando 120 desalojados.

Na Ribeira Brava, o encerramento das principais estradas, sobretudo junto à vila, foi o resultado das diversas inundações e desabamentos.

Na Ponta do Sol, verificaram-se pequenos desabamentos, transbordo de um ribeiro, pequenas inundações e estragos em três automóveis. Na Calheta, houve pequenos desabamentos por todo o concelho.

A Camacha foi palco de inúmeros desabamentos, nomeadamente no Ribeiro Serrão, cuja estrada esteve encerrada, tendo o mesmo acontecido no Vale Paraíso, dois sítios onde também se verificaram algumas inundações em casas particulares. Também no Caniço, muitas ribeiras transbordaram, deram-se desabamentos nas Tendeiras e nas Eiras e a Escola da Vargem foi encerrada devido a infiltrações de água.

Em São Vicente, a ribeira quase transbordou. A vila ficou quase isolada só com ligação à Encumeada, na sequência dos vários desabamentos e da quantidade de água que corria estrada abaixo, o que, implicava uma condução muito lenta e atenta.

Ambas as estradas entre Ponta Delgada e Boaventura se encontram encerradas, devido à constante queda de blocos. Também na estrada entre São Vicente e Ribeira da Janela, vários desabamentos, embora sem grandes dimensões, levaram ao encerramento daquele troço.

Os danos materiais nas habitações são avultados. O sítio da Terra Chã de Cima ficou isolado. Abaixo da igreja do Curral, um desabamento de grandes dimensões obstruiu por completo a estrada.

Entre o Porto da Cruz e a Ribeira da Metade, devido a vários desabamentos, mas sobretudo a problemas na ponte dos Moinhos, não se podia circular.

São Vicente também teve grandes problemas. Para além dos encerramentos das ligações Ponta Delgada/Boaventura e São Vicente/Ribeira da Janela, houve ainda o fecho da via expresso, logo a seguir à saída do túnel, devido ao transbordo do ribeiro do Loural. Apenas a velha ligação à Encumeada estava a funcionar, embora também com condicionamentos, devido a pequenos desabamentos.

Também encerrou a da estrada entre a Encumeada e o Paul da Serra, troço com vários desabamentos, bem como o troço entre o Campanário e a Ribeira Brava e ainda a Marginal Ribeira Brava/Tabua.

O troço entre o nó da via rápida e a vila da Ribeira Brava esteve condicionado. Tudo porque, a Sul da bomba de gasolina, a muralha que suporta a estrada ameaçava ruir e “viam-se fissuras em plena via” (DNM, 8 Mar. 2001). Entretanto, na estrada velha que liga o

Campanário à Ribeira Brava, parte da via abateu em cerca de 20m. Ainda na Ribeira Brava, há a registar o encerramento do troço Ribeira Brava/Tabua, bem como problemas na Tabua e na Serra de Água, com desabamentos e com as ribeiras a ameaçarem transbordar a qualquer momento.

Na Calheta apenas se registaram pequenos desabamentos. Na Ponta do Sol houve pequenos desabamentos; aqui também um ribeiro, no sítio da Lombada, inundou algumas moradias e causou estragos “de pequena monta” em três viaturas.

Em Santana houve pequenos desabamentos e a ligação a São Jorge chegou a ser interrompida.

Já no Porto da Cruz foram vários os desabamentos, sobretudo no sítio do Massapez. O trânsito nesta freguesia esteve condicionado.

Em São Vicente, houve casas inundadas de lama, três viaturas soterradas e com avultados estragos, terrenos agrícolas devastados acessos a casas completamente soterrados. Lamentaram-se dois mortos, ambos do sexo masculino e dois desaparecidos, bem como quatro famílias desalojadas. A via expresso e a estrada dos Lameiros foram cortadas por desabamentos. As vítimas eram turistas. Ambos eram os ocupantes do veículo, que foi arrastado pelo caudal da Ribeira.

Durante quase todo o dia, os moradores do sítio da Cruz da Guarda – Porto da Cruz – estiveram isolados. Várias quebradas registadas durante a madrugada e manhã cortaram as saídas em Referta, Maiata de Baixo e Maiata de Cima. A mais grave aconteceu na Estrada Serrado – Vila e obstruiu por completo a via.

Noutra freguesia do Faial, as águas da Ribeira chegaram a pôr em risco um restaurante e a pista de karting. Uma estrada que serve a pista e o complexo balnear da foz da Ribeira ficou literalmente dividida em três. Do outro lado da encosta, vários poios foram levados pela enxurrada.

Uma camioneta da Rodoeste foi “apanhada” por um enorme pedregulho com cerca de trezentos quilos, furou o tejadilho mas não chegou, felizmente, a causar vítimas. O inesperado aconteceu no Seixal, tendo ela continuado a carreira até ao destino, Porto Moniz.

A **10**, **11** e **12** de **Março** a queda de blocos na marginal que liga **Ribeira Brava** a Tabua levou ao seu encerramento. Durante a manhã do dia **12**, dois carros estacionados no cais da **Ribeira Brava** quase eram arrastados para o mar pela forte ondulação, bem como, um contentor que ali se encontrava.

Por toda a freguesia da Ponta de Pargo assistiu-se a estragos de grande dimensão, resultado de numerosas quebradas e inundações de moradias. No Curral das Freiras, cinco carros ficaram soterrados na Terra Chã de Cima.

No sítio da Achada do Til, uma quebrada sobre a estrada isolou a povoação.

Na Estrada Regional que liga Portela a Santo António da Serra, no dia **18** verificou-se um desabamento.

Na Levada do Pico do Cardo de Dentro (Santo António), a **30 de Março**, aconteceu um desabamento sobre o terraço de uma casa.

Em **Abril** apenas um caso foi noticiado, ocorrido a **19**, quando a antiga Estrada Regional 229, que liga o Campanário à **Ribeira Brava**, cedeu parcialmente junto, tendo sido encerrada.

No dia **14 de Junho**, um casal e uma filha, naturais do Porto e em passeio turístico na Madeira, foram apanhados por uma pedra, que se desprende das rochas sobranceiras, no sítio das Contreiras Seixal (Porto Moniz). Apesar dos muitos prejuízos saíram ilesos.

No mês seguinte, **Julho**, no dia **21**, situação semelhante viveu um casal quando circulava no túnel imediatamente a seguir à entrada para a Eira do Serrado, quando uma pedra de grande porte se desprende caindo sobre a viatura, o condutor sofreu ferimentos num braço.

A forte ondulação ocorrida a **17 de Setembro** causou estragos na **Ribeira Brava**. Uma ponte de madeira situada na foz da ribeira e que servia de acesso entre a zona balnear e a área dos recintos e equipamentos desportivos ali existentes, foi completamente destruída pela “fúria” das ondas, que galgaram o “calhau”.

Todo o litoral desta faixa costeira foi “varrido” pela forte ondulação que se fez sentir durante todo o dia, mas sobretudo durante o “pico” da maré que chegou inclusive em vários locais, a “respingar” para a estrada marginal. Na Ponta do Sol, a água chegou ao contentor que serve de esplanada de apoio à praia e apesar da rápida intervenção dos concessionários do espaço, parte do material existente foi danificado. No final da tarde, registaram-se também alguns estragos na Praia Formosa, no Funchal.

A **21** várias inundações em diversos pontos da cidade do Funchal foram o resultado da chuva que caiu durante a noite e o dia.

Passados alguns dias (**27 de Setembro**) no Serrado do Mar (Câmara de Lobos), “um desabamento registada na encosta sobranceira ao mar, sobre a qual está construída uma urbanização residencial, deixou parcialmente “dependuradas” algumas moradias. Felizmente, só um quintal ficou sem uma fatia de terreno, que ostentava o muro suporte que era miradouro para o oceano” (DNM, 28 Set. 2001). Foi necessário realojar as famílias cujas casas se encontravam mais expostas ao risco.

No mês de **Novembro**, no dia **1**, o Ribeiro João Bala no Palheiro Ferreiro entupiu e transbordou para a estrada, impossibilitando a circulação de peões e veículos.

No dia **3**, um ribeiro cheio de detritos transbordou para o meio da estrada em Santo António, interditando a rua.

Nos dias **18 e 19** do mesmo mês, na Estrada Regional próximo da **Ribeira Brava**, a queda de blocos voltou a pôr a nu a (in)segurança de automobilistas e transeuntes. Outra desabamento de grandes dimensões condicionou o trânsito, numa das curvas sobranceiras à vila da **Ribeira Brava**, na estrada de acesso ao Campanário. Também consequência do mau tempo, mas no mar, a forte ondulação fez as ondas galgar o cais da **Ribeira Brava**, atirando muros ao chão, entupindo algumas, lançando água em algumas habitações e atirando pedras na estrada.

No Funchal, ocorreu a queda de um muro na vereda do Serrado; igual situação se verificou na Rua da Cidade Pestana ambas em São Gonçalo.

Em consequência da chuva intensa que se abateu sobre a Região verificou-se o rebentamento da parede de uma fazenda, originando uma violenta desabamento de pedra e lama que varreu completamente uma vereda pública, gerando o pânico, colocando em risco a vida dos habitantes e deixando o caminho da Ribeirinha na Camacha intransitável.

“Temporal provoca o caos na Região: inundações, desabamentos e vários acidentes. Dezenas de inundações geraram o pânico em centenas de pessoas que, um pouco por toda a Região” (DNM, 20 Nov. 2001). Alguns desabamentos e quedas de árvores motivaram o condicionamento do trânsito automóvel, em particular ao longo de toda a via rápida e nos acessos à cidade do Funchal.

O desabamento de uma parede, situada nas traseiras de um armazém no entreposto de Cancela, provocou vários danos em diversas viaturas. Outro, no Chão da Loba, gerou o pânico em sete famílias

A remoção anormal de terras de um terreno e as fortes chuvas provocaram o abatimento de um caminho público na Ribeira Seca, em Machico.

Uma pedra de dimensão considerável caiu no dia **28**, sobre a marginal entre Tabua e **Ribeira Brava**, causando danos materiais. Um desabamento na estrada que liga o Paul da Serra à Encumeada, no sítio do Lombo do Mouro, encerrou ao trânsito.

No mês de **Dezembro**, no dia **9**, a chuva que caiu de madrugada fez estragos um pouco por toda a ilha, sobretudo na faixa Sul. No Caminho do Pinheiro das Voltas (São Martinho), a queda de uma parede e a cedência da margem de um ribeiro provocaram estragos avultados. A desabamento e o transbordo das águas do ribeiro para a estrada arrastaram duas viaturas. A água e a lama inundaram outras duas viaturas.

No sítio da Quinta Grande, uma quebrada na Levada do Norte provocou a inundação de algumas habitações. Um pouco por todo o concelho de Câmara de Lobos, tivemos inundações, mormente em Fontes, Quinta Grande e Garachico e no sítio do Serrado do Mar.

No Caminho do Campo do Marítimo (Santo António) algumas pedras encontravam-se na estrada.

Em Machico, uma parte da via rápida, mais precisamente na saída Oeste do túnel em Água de Pena, amanheceu alagada. Algumas pedras tinham caído do talude. Mais à frente, ao chegar à cabeceira oeste do aeroporto, a faixa de rodagem da parte norte também esteve alagada.

Na Ribeira Brava, há a registar infiltrações de água na igreja matriz e no Centro de Saúde Local, tal como um desabamento na marginal entre a Ribeira Brava e a Tabua.

A **21** e **22** do mesmo mês, um desabamento no caminho da Maiata danificou uma viatura e feriu o seu único ocupante.

Em São Roque, pedras e terras desabaram, tendo como consequência o alagamento da casa abaixo do murro que desabou. Algumas pedras atingiram o telhado, deixando este andar da casa sem condições para habitar. Também devido à queda de blocos, a estrada do Curral esteve condicionada.

A **29** do derradeiro mês, registou-se uma nova desabamento na Fajã de Câmara de Lobos, numa encosta sobranceira ao mar, localizada entre o Cabo Girão e Câmara de Lobos, junto a um conjunto de urbanizações residenciais.

● 2002

Ao longo deste ano, voltaram a verificar-se várias situações na Região.

Na primeira semana do ano (dia 1 a dia 7 de Janeiro), foram muitas as situações.

“As chuvas que fustigaram a Região durante a passagem de ano trouxeram, novamente, contratempo aos utentes da marginal ribeira-bravense, sobretudo aos residentes na freguesia da Tabua e nos municípios da Ponta do Sol e da Calheta” (DNM, 2 Jan. 2002).

O Caminho de São Bernardino, no concelho de Câmara de Lobos, foi interrompido por um desabamento de pedras e terra.

No concelho da **Ribeira Brava**, das muitas situações ocorridas, o caso a merecer maior apreensão foi, uma vez mais, a insegurança na marginal de acesso à Tabua. Nesse troço a “habitual” queda de blocos para a estrada foi uma constante.

Um ribeiro ali existente, na fronteira entre as duas freguesias (Tabua e Ribeira Brava), voltou a entupir e a transbordar, alagando por completo toda a área circundante. Junto à estação de serviço, as quedas de pedras indiciavam mais uma vez o perigo iminente para quem lá circulasse, pelo facto, a estrada foi encerrada. Com a marginal encerrada, os automobilistas passaram a usar a antiga Estrada Regional. Nesse troço alternativo, constatarem-se algumas quebradas significativas. Uma delas aconteceu logo à saída da vila, próximo do cemitério local, onde um pedregulho rebolou sobre a estrada, fazendo desabar parte do muro de suporte, acabando por cair para um plano inferior, caindo em plena faixa de rodagem.

Na Tabua, também entre algumas vários desabamentos ocorridos, o abatimento de um muro adjacente à estrada chegou a atingir um veículo estacionado nas proximidades.

Uma casa ficou totalmente destroçada devido à queda de lama e pedras na Levada da Corujeira (Monte). Todos os bens ficaram soterrados, 14 desalojados, 11 adultos, um dos quais deficiente e 3 crianças.

Um desabamento em São Roque, destruiu a parte traseira de uma carrinha.

A Travessa do Lazareto esteve intransitável. Duas pedras de grande dimensão desprenderam-se do talude na Rua Pestana Júnior condicionando o trânsito.

Na Estrada Regional 102 no troço entre o Seixal e a Ribeira da Janela, um desabamento destruiu cerca de sete metros do muro de protecção da estrada e a estrada foi interrompida ao trânsito.

No sítio da Ribeira Seca (Machico), a queda de uma muralha que protegia uma escavação, de uma obra particular, assustou os moradores das proximidades, cortou o acesso a nove casas e deixou em perigo pelo menos duas residências. Uma família teve que ser realojada.

Nos restantes concelhos, é de registar a ocorrência de muitas quebradas, particularmente em São Vicente e Porto Moniz, a interrupção ainda que temporária de uma

estrada no Porto da Cruz, os problemas também sentidos nos acessos do Paul do Mar, via Fajã de Ovelha e os encerramentos ainda que temporários da estrada de ligação ao Jardim do Mar.

Em São Vicente, o trânsito automóvel na estrada municipal entre o quartel dos bombeiros e as grutas foi interrompida.

Entretanto, no Funchal, um desabamento condicionava o acesso à via rápida – as chuvas intensas e o vento forte que fustigaram a Região deram origem a novos desabamentos em especial nas zonas altas do Funchal.

Uma quebrada na Estrada Regional 107, que liga Sto António ao Curral das Freiras, condicionou o trânsito.

Um deslizamento no Sítio da Vereda, acima do Caminho do Trapiche, também fez com que a estrada ficasse condicionada ao trânsito automóvel.

Um desabamento no Caniço, sítio das Eiras, abateu-se sobre um Estaleiro da empresa de construção civil A. F. Catanha, que ficou coberto por terras e pedras, com avultados danos materiais e a estrada pública bloqueada.

Dois desabamentos condicionaram o trânsito entre a vila de São Vicente e o Porto Moniz no dia **31** de **Março**. A primeira ocorreu em São Vicente. A segunda, no Sítio da Fajã de Manuel, entre a Ribeira da Janela e o Porto Moniz, levou mesmo ao encerramento da estrada. Algumas pedras também condicionaram o trânsito na zona das Ladeiras no troço da ER101 entre a Ribeira da Janela e o Seixal.

No dia **11** de **Abril**, as quedas de pedras causaram muitos danos na Estrada que liga o Seixal à vila do Porto Moniz, tendo um veículo ficou parcialmente destruído.

Na Vila da Ribeira Brava, no cais, um veículo estacionado ficou danificado com pedras de dimensão considerável, que se desprenderam da encosta.

No início do mês de **Junho** (dia **10**), registou-se ao princípio da tarde no lado oeste da “promenade” de Santa Cruz, a queda de blocos de dimensões consideráveis, provocando ferimentos de alguma gravidade na perna de um jovem.

A **26** de **Setembro**, uma inundação na Rua da Levada de Santa Luzia durante a noite, provocou apenas danos materiais. Na Estrada do Curral e no troço da Estrada Regional 101 entre o Seixal e o Porto Moniz muitas foram as pedras que caíram na estrada.

Em **Outubro**, no dia **9**, uma onda gigante, na Estrada Regional 101, no troço compreendido entre o Seixal e a Ribeira da Janela, obrigou um condutor a sair da sua faixa de rodagem indo embater com o veículo que circulava em sentido contrário, provocando uma colisão frontal e quatro feridos ligeiros.

A **20** do mesmo mês, “devido à muita chuva” (DNM, 21 Out. 2002), registou-se um desabamento na Encumeada. No Funchal, verificaram-se pequenas inundações. Cinco dias depois (**25**), na Estrada Regional 101, que liga o Arco da Calheta à vila da Calheta a queda de blocos, encerrou estrada.

No mês seguinte (**Novembro**), dia **6**, “uma parcela da estrada no “Pé de Cabra” desabou pela encosta dos Socorridos abaixo, “varreu” terrenos de cultivo, postes de iluminação, muros de protecção, colocando em perigo à volta de doze moradores cujas casas situam-se a um nível inferior” (DNM, 7 Nov. 2002). Este colocou a descoberto a conduta de abastecimento de água da cidade do Funchal.

A **24** de **Novembro**, um temporal que se abateu sobre a Região provocou na maioria dos concelhos aluimentos de terras, obstrução de estradas e inundações” (DNM, 25 Nov. 2002).

As costas Sul e Oeste foram as mais afectadas, com especial incidência no Funchal onde as fortes chuvas colocaram a nu deficiências ao nível do escoamento de águas, estado dos pavimentos e estrutura física das casas, esta última perfeitamente visível na Quinta do Leme, onde a água chegou a atingir um metro dentro das residências. Um desabamento de pedras e lama atingiu uma habitação, ferindo na cabeça uma senhora de 65 anos, quando se encontrava com o marido na cozinha da casa, no Beco dos Ausentes, em São Pedro. Os concelhos da Ribeira Brava, Santana e Calheta foram os concelhos mais afectados pelas más condições atmosféricas.

Um desabamento de terras no Curral dos Romeiros deixou por algum tempo a população isolada. Um ribeiro transbordou e ameaçou diversas casas no sítio da Torneira, Câmara de Lobos.

Um desabamento na ER 101, levou ao encerramento ao trânsito entre a Ponta do Sol e a Madalena do Mar.

No mês seguinte (**Dezembro**) no dia **11** um desabamento rebentou com uma conduta de água da IGA. Esta ocorreu sobre a antiga plataforma da Levada do Marques Teixeira. Pôs em causa o abastecimento à Ponta do Sol e Ribeira Brava e cortou a conduta principal do sistema adutor das Rabaças.

Nos dias **15, 16, 17 e 18 de Dezembro**, o mau tempo que abalou a costa Sul da Madeira causou grandes danos. No Funchal, foram os complexos balneares da Ponta Gorda, Lido e Gorgulho os mais afectados.

A forte ondulação que se verificou durante a noite provocou também estragos em algumas embarcações, afundando inclusive uma delas. Outra ficou em muito mau estado.

No Beco dos Álamos (Santo António) um ribeiro obstruído, lançou água para a estrada impossibilitando a circulação, e entrou pelas casas dentro.

Um desabamento na estrada de ligação ao Curral das Freiras obstruiu por completo a estrada de ligação a esta freguesia.

Um desabamento de terras sobranceiras à via rápida na zona do Palheiro Ferreiro, “libertou” um pedregulho de grandes dimensões que veio cair em plena via rápida e condicionou o trânsito.

● 2003

Este ano voltou estar repleto de situações desagradáveis para a região.

Logo no **primeiro dia** do ano, soltou-se uma grande rocha da montanha sobranceira ao primeiro túnel da Tabua, no sentido Ribeira Brava – Ponta de Sol, que atravessou a estrutura de betão e abriu uma grande fenda no tecto. Esta, arrastou consigo pedregulhos de grandes dimensões que por pouco não atingiram os carros que circulavam no interior do túnel. A via foi encerrada.

Nos dias **11 e 12 de Janeiro**, duas situações no Funchal: uma, na Estrada Luso-Brasileira, na qual as pedras caíram e ofereceram perigo a quem lá circulava, outra na rua do Lazareto, onde um deslizamento de terras obstruiu a estrada.

A Estrada Regional que liga a Ribeira Brava à Serra de Água esteve condicionada ao trânsito no dia **19** devido à queda de uma muralha que fez abater parcialmente a estrada, na Fajã da Ribeira. A queda da estrutura que delimita a ribeira da estrada, teve como consequência o encerramento de uma das faixas de rodagem, o que provocou congestionamento no trânsito.

Quatro situações registaram-se em **Março**. Uma, no dia **12**, quando um aluimento de terras na estrada que dá para a Corujeira de Dentro, no Monte, levou à obstrução da estrada. Outra, a **16**, da qual resultaram feridos com gravidade 2 dos 8 turistas que seguiam na carrinha de turismo, que foi atingida por parte de um desabamento de pedregulhos no sítio do

Calvário na Ribeira Brava. A queda de blocos de grandes dimensões causou sérios danos no carro.

Nos dias **27** e **28**, nas Fontainhas (Câmara de Lobos), uma quebrada atingiu a parte traseira de uma habitação, deixando a casa destruída. Uma octogénaria teve que ser evacuada e posteriormente alojada em outro local. No Curral das Freiras um desabamento impediu a circulação de veículos automóveis no sítio da Estrela.

Em **Abril** no primeiro dia do mês, um desabamento de terras ocorrido no sítio da Marinheira (Estreito de Câmara de Lobos), vitimou duas pessoas (de 35 e 40 anos). Estes homens ficaram soterrados quando procediam ao escoramento de uma muralha. “As terras encontravam-se com bastante humidade, facto que deve ter contribuído para o desabamento e razão pela qual os trabalhos de resgate, foram dificultados” (DNM, 2 Abr. 2003).

No dia **8** um desabamento surpreendeu uma condutora, quando circulava ao longo da marginal entre a **Ribeira Brava** e a **Tabua**. As pedras atingiram o veículo em toda a sua extensão, danificando-o e causando algumas escoriações na senhora. “A violência do aluimento foi de tal ordem que os populares atribuem às causas do desabamento que fechou a estrada ao trepidar das máquinas que abrem o túnel” (DNM, 9 Abr. 2003).

No dia **24** de **Agosto** houve um novo deslizamento de terras no Serrado do Mar (Câmara de Lobos). “O deslizamento de terras tem vindo a verificar-se ao longo dos últimos dois anos e hoje as casas ficaram com menos uma fatia de terreno” (DNM, 25 Ago. 2003). “Os primeiros indícios do deslizamento verificaram-se no jardim onde uma das moradoras na área diz que viu as fendas aumentarem consideravelmente de tamanho durante o dia até que por fim a estrutura acabou por ceder” (DNM, 25 Ago. 2003).

Em **Outubro** deste ano, sete foram as situações noticiadas. Logo nos dias **2** e **3**, como resultado da chuva intensa que se abateu sobre a região, um desabamento na estrada da Tabua atingiu um “Land Rover” que circulava na marginal, desfazendo por completo o seu atrelado. A estrada foi encerrada a todo o trânsito automóvel.

Também na Calheta, a queda de blocos na marginal danificou um carro e obstruiu a passagem, tendo sido fechada a via.

O Jardim da Serra foi uma das freguesias mais afectadas no concelho de Câmara de Lobos pelas chuvadas. Várias estradas foram afectadas por pequenos desabamentos e deslizamentos de terras.

A chuva causou desabamentos de terra, lama e pedras na estrada dos Marmeleiros, Funchal, na Bica da Cana, Encumeada, na Serra de Água e na Ribeira Brava. A marginal **Ribeira Brava** – Tabua foi interdita.

Na Ponta do Sol, uma casa no Lombo de São João esteve em risco de ser levada pelas águas. Neste concelho registaram-se inundações em várias casas numa oficina. Duas viaturas foram arrastadas pelas águas.

Nos dias **17** e **18**, um desabamento atingiu uma viatura que circulava entre o Cumial e a Fajã dos Cardos, no Curral das Freiras, causando ferimentos na cabeça de uma mulher.

Também um desabamento aconteceu no sítio dos Anjos, na Madalena do Mar, obstruindo a estrada.

No dia **21**, um aterro acabou por desabar, após as chuvas intensas, vindo a espalhar terra lamacenta pelo quintal de uma casa localizada no Estreito de Câmara de Lobos, nas imediações do Restaurante “O Lagar”.

Na Rua do Til e na Rua Dr. Pita, junto ao Estádio dos Barreiros, eram evidentes as fissuras no pavimento e o entupimento das adufas, que não tinham capacidade de escoamento, obrigando as águas a “enfaixarem-se” para percursos alternativos.

No Norte da ilha, a **27** de **Outubro**, foi a forte ondulação que levou ao encerramento da Estrada Regional 101 no troço que liga o Seixal ao Porto Moniz.

No mês de **Novembro**, nos dias **6** e **7**, o desabamento de um muro, com cerca de cinco metros de altura, provocou a morte a um trabalhador de construção civil, no sítio da Lombada, no Monte.

A subida dos caudais, devido às fortes chuvadas registadas naquele concelho, pôs em risco de ser arrastado para o mar um camião que estava a ser utilizado nas obras da frente mar. O condutor ficou num dos lados da ribeira, sem acessos e estava impossibilitado de lá sair.

Devido às fortes chuvas que se fizeram sentir no concelho da Ponta do Sol registaram-se dois grandes desabamentos nos Canhas (no sítio do Socorro), que impediram a circulação de veículos. Um outro desabamento também ocorreu na ligação da Encumeada ao Paul da Serra, levando ao seu encerramento. Também a estrada de ligação entre a vila da Ponta de Sol e a Madalena do Mar foi encerrada devido à queda contínua de pedras.

A **14**, novamente no concelho da Ribeira Brava, um desabamento de parte do muro de suporte do antigo caminho municipal que passa junto à igreja paroquial da Tabua. A causa parece dever-se às escavações realizadas para a construção das muralhas de suporte do novo arruamento.

A **23** do mesmo mês, registou-se um desabamento na Fundoa (Funchal). Na Calheta, as pedras voltaram a cair na marginal.

A **4** de **Dezembro**, na Estrada Regional 101 no sítio da Pedra nas imediações do Vêu da Noiva, no troço São Vicente – Seixal, um desabamento obrigou ao seu encerramento.

● 2004

Ao longo deste ano, oito casos foram noticiados.

O primeiro a **20** de **Janeiro** “Um homem foi arrastado para o mar por uma onda no Cais da **Ribeira Brava**, sendo resgatado pelos Bombeiros Voluntários da Ribeira Brava” (DNM, 22 Jan. 2004).

O segundo, resultado das fortes chuvadas acompanhadas por fortes rajadas de vento, no dia **20** de **Fevereiro**, causaram vários desabamentos e deslizamentos de terras e lamas em várias áreas do Curral das Freiras, Fajã Escura, Fajã dos Cardos e estrada do Curral. No dia **21**, na Ribeira Brava, a forte ondulação galgou o cais da baixa causando prejuízos avultados em vinte veículos estacionados, arrastando um automóvel para o fundo do mar.

A **10** de **Março** a queda de uma muralha no Estreito da Calheta, provocou a interrupção do trânsito automóvel. “Ao que tudo indica a parede, terá caído devido à acumulação de água, proveniente de uma levada desviada para aquele local” (DNM, 11 Mar. 2004).

A **21** do mesmo mês, na estrada da Tabua, a queda de blocos obrigou mais uma vez ao seu encerramento.

No mês de **Mai**o, duas situações há a salientar. Um desabamento a **19** de **Mai**o no Porto da Cruz, tirou a vida a um homem de 37 anos, que regressava da apanha da lapa na fajã do Mar. O forte impacto das pedras derrubaram a vítima da vereda por onde regressava a casa e acabou por cair ao “calhau”.

A outra (a **24**) na Ribeira Brava foi um desabamento de grandes dimensões que arrasou parcialmente o cais da vila, arrastou três embarcações, causou danos avultados num automóvel e no posto de saneamento básico.

No mês de **Outubro**, nos dias **17, 18 e 19**, “O mau tempo provocou alguns danos e contratempos em diversas infra-estruturas públicas, de inauguração recente” (DNM, 20 Out. 2004). Em Ponta Delgada, Madalena do Mar e Calheta, os complexos balneares e “promenades” foram os mais atingidos. Verificaram-se ainda entupimentos de ribeiras e posterior galgamento.

Um pouco por toda a ilha assistiu-se a episódios de pequenas desabamentos, queda isolada de pedras para as estradas, escorrência de lamas e aberturas nos pavimentos das estradas.

No Funchal, a chuva intensa e ventos fortes provocaram desabamentos, inundações e enxurradas que soterraram oito viaturas. Habitações e várias lojas na baixa do Funchal inundadas. Estradas ficaram intransitáveis devido ao pavimento estar “minado” com detritos.

Os desabamentos acabaram também por revelar-se inevitáveis. Surgiram pequenos desabamentos de terras em zonas intermédias, desde o Chão da Loba até ao Vasco Gil (Santo António), algumas das quais com estragos em habitações.

● 2005

No ano de **2005** também foram noticiadas várias crises na ilha. Estes distribuíram-se ao longo do ano, do seguinte modo:

No mês de **Janeiro**, verificou-se uma inundação (dia **28**) e um desabamento (dia **31**), tendo decorrido desta última, ferido um homem que se encontrava a cavar na sua propriedade, quando um muro sustentação de um poio sobrejacente desabou.

Em **Fevereiro**, verificaram-se 12 desabamentos e 7 inundações. Estas situações ocorreram durante ou após as chuvas intensas que se verificaram ao longo deste mês. As situações mais complicadas verificaram-se entre os dias **24 e 28**. Quatro famílias (doze moradores) de três habitações, tiveram que ser realojadas após o desabamento de terras, no caminho da Tília, no Monte que colocou em perigo as residências vizinhas. Um desabamento na falésia sobranceira ao Parque Industrial da Zona Oeste (PIZO), em Câmara de Lobos, arrastou toneladas de pedras, bloqueou uma estrada e atingiu parcialmente as instalações da empresa Construtora Tâmega. Ainda no mesmo concelho, no lugar do Rancho, as águas com entulho invadiram o quintal de dois moradores.

Várias inundações e desabamentos, causaram danos em casas e em estabelecimentos comerciais e hoteleiros no Funchal, foi necessário realojar algumas famílias.

Em Santa Cruz registou-se o rebentamento de um sistema de saneamento básico, resultado de um aluimento de terras que cobriu parcialmente uma das farmácias da cidade, localizadas nas imediações do pavilhão desportivo junto à ribeira.

Em Machico, verificou-se o rebentamento de uma conduta do IGA, na zona das Fontes Vermelhas, o que causou a falta de água no Caramachão, e nas zonas altas da Ribeira de Machico. A estrada entre a Fonte de Santo António e a Portela foi encerra devidos as desabamentos. No Parque empresarial de Machico ocorreu um desabamento, que juntamente com as fortes chuvas enlamearam as terras que deslizaram e aglomeraram-se na estrada.

Na ponta do Pargo o largo da Igreja da Raposeira foi inundada por lama que esteve em vias de “invadir” o salão paroquial.

No Funchal inundações em várias moradias, desabamentos em vários pontos da cidade. No Monte queda de blocos e de terra bloqueou o acesso ao Beco da Azinhaga da Cancela, junto ao caminho dos Desterrados, isolando quatro famílias. Um muro desabou sobre um terreiro de uma moradia onde residem dois idosos no Monte. Também ocorreu um desabamento no Palheiro de Golfe.

No mês de **Março**, 5 desabamentos, 1 queda de blocos e duas fortes ondulações foram os acontecimentos registados. De todas estas situações resultaram alguns danos materiais, contudo foram as fortes ondulações, aquelas que mais danos provocaram na orla costeira. Foi nos dias **10** e **11** que um desabamento nos sítios da Santa, Pico Alto e Pombais, nas zonas altas do concelho, levou ao rebentamento de uma conduta de águas da rede pública de abastecimento, privando a população de água potável. Um condutor foi surpreendido pela queda de blocos na estrada conde carvalhal. E que a forte ondulação que se fez sentir nestes dias provocaram, danos desde a Praia Formosa até à Ponta do Sol. Várias estruturas construídas no litoral da costa sul foram os danos, incluído no concelho da Ribeira Brava.

No dia **17** a forte ondulação voltou a fazer estragos, na baixa do Porto Moniz e na marina do Lugar de Baixo. Na ribeira Brava as ondas voltaram a banhar o litoral da vila.

No dia **26** a Marina do Lugar de Baixo não resistiu às ondas do mar, a muralha da marina abriu fissuras e sofreu inclusivamente um deslocamento de mais de um metro.

Neste mês **Abril** neste apenas foi noticiado um evento, no dia **30**. Um desabamento na Tabua.

A queda de grande quantidade de pedras na ribanceira situada acima da Ponte de Cima, **Tabua** danificou uma retroescavadora que se encontrava no local. A estrada foi

interrompida ao trânsito. Ainda neste mês uma residência no sítio da Roda e Massapez, Campanário, foi afectado por uma enxurrada.

Em **Junho** no dia **16**, a queda de muro em São Martinho, provocou danos em duas viaturas que se encontravam nas proximidades.

No mês de **Setembro** (dia **19**), a queda de uma pedra, atingiu um jovem de 15 anos quando efectuava uma caminhada com os colegas, entre o Pico do Areeiro e o Pico Ruivo, acabando por sucumbir pouco depois, dada a gravidade dos ferimentos.

Em **Outubro** (dias **7 e 8**), verificaram-se várias inundações e desabamentos, um pouco por toda a ilha resultado das fortes chuvadas.

No concelho da Ribeira Brava, algumas linhas de água “entupidas” transbordaram e provocaram alguns deslizamentos de terras, tendo como consequência directa num desses casos uma grande inundaçã, com quase meio metro de altura, no rés-do-chão de uma moradia ao sítio da Roda e Massapez (estrada do Jardim) **Campanário**, da qual resultou, elevados prejuízos no recheio da habitação.

Também neste concelho, verificaram-se desabamentos e várias inundações no sitio da **Boa Morte** e no Parque empresarial local. O sítio da **Furna** também foi bastante afectado por estas primeiras chuvas de Outono. Uma grande desabamento nesta encosta obstruiu o troço final da estrada local e inundou algumas habitações localizadas nas suas proximidades. No sítio do **Pico da Banda D’Alem**, junto ao cemitério trânsito esteve interrompido devido a desabamento.

Um pouco por todo o concelho o deslizamento de inertes para a via pública.

Várias inundações e desabamentos verificaram-se desde a zona do Garachico, junto ao parque empresarial até ao Jardim da Serra e no, no Funchal também se verificaram alguns casos.

Em santa Cruz, varias inundações em moradias no bairro da Nogueira. No caniço, sítio da Vargem, as águas pluviais brotaram para o quintal de uma casa, num nível mais baixo da estrada.

No concelho da Calheta, assistiu-se a uma “chuva de rocha” que desprendeu da arriba acima do talude metálico. O desprendimento de grandes dimensões, deu-se um pouco por cima da malha metálica que protege toda aquela arriba. O referido troço foi encerrado e avultados danos foram causados nas infra-estruturas e nos bares ali existentes.

No penúltimo mês deste ano (**Novembro**) no dia **18**, verificou-se o encerramento da estrada regional 105, que liga a Bica da Cana à Boca da Encumeada, nos dois sentidos devido à ocorrência de um desabamento.

Com o regresso do sol e após a acalmia das chuvas que caíram com maior intensidade nos últimos dias, as terras e as pedras das escarpas acabam por ceder à inevitável força superior da natureza. O canil Vasco Gil em Santo António, foi atingido por duas pedras com tamanhos consideráveis, que se desprenderam da encosta situada atrás da infra-estrutura, vindo a abater-se no espaço próximo às jaulas dos animais.

Uma quebrada de enormes dimensões interrompeu, a estrada regional 104 na Fajã do Cedro Gordo, junto à Fajã da Nogueira. Esta interrompeu o trânsito e continuou por barrancos até à ribeira. Segundo os populares uma fenda existia no cimo denunciando a potencialidade, já a algum tempo.

Dos dias **27** a **29** de Novembro, um desabamento danificou dois automóveis e condicionou o trânsito na Fajã das Galinhas. A forte precipitação e vento, provocou inundações em moradias causadas pelo entupimento de adufas e pelo deficiente escoamento de águas pluviais. Como foi exemplo no caminho de São Bernardino, no centro de Câmara de Lobos.

O temporal desfigurou o litoral madeirense. Em poucas horas a fúria do mar arrastou calhaus com várias toneladas na zona costeira do Funchal à Calheta. Os danos ascendem só no Funchal a mais de 500 mil euros.

No derradeiro mês deste ano (**Dezembro**), no dia **15**, assistiu-se à obstrução de uma levada esteve na origem da desabamento que ocorreu na faixa de rodagem ascendente do nó de acesso `via rápida na zona do Pestana Júnior.

No dia **17** as chuvas formaram uma “lagoa” junto ao túnel da cota 40, com 5m de extensão e 20cm de altura e que impediu a circulação automóvel.

Nos dias **20**, **21** e **22** estes foram dias complicados, contudo foi em Machico que as situações mais graves se verificaram. Aqui, o aumento do leito da Ribeira Grande arrastou tudo o que encontrou pela frente, inundou casas e deixou a via Machico/Porto da Cruz num caos.

A ribeira transbordou, por não conseguir suportar o caudal de fortes chuvas que na altura se faziam sentir, acabando por transbordar com violência, arrastando terras, pedras, utensílios e equipamentos de construção civil, entre os quais, uma grua que foi parar dentro da ribeira. Este facto contribuiu para a inundação de uma dezena de residências situadas nas

zonas mais baixas do sítio do Moinho da Serra. Várias viaturas sofreram danos na chapa e no motor ao serem atingidas pela lama e pedras. Para o transbordo também contribuiu o facto curso da ribeira foi desviado porque a montante, no sítio da Fajã do Rolo, ocorreu um desabamento.

No Funchal 8 pessoas tiveram que ser resgatadas na rua Alferes Veiga Pestana, devido a inundações. O túnel da cota 40 foi encerrado ao trânsito fruto da inundação do seu interior.

Água cheia de terra inundou 2 casas que ficam a sul do novo arruamento que vai atravessar a Carne Azeda. Sofreram avultados danos materiais em consequência de inundações provocadas pela entrada de água da chuva no interior das suas divisões.

Na noite de **24** para **25** pelo menos 2 veículos sofreram avultados danos materiais na sequência de um desabamento ocorrida durante as fortes chuvas que se abateram um pouco por todo o arquipélago. O aluimento ocorreu no sítio da Adega, freguesia do **Campanário**.

● 2006

Treze situações ocorreram na ilha neste ano. No mês de **Fevereiro**, no dia **25**, deu-se o aparecimento de uma fenda no topo de uma ravina que ameaçava ruir sobre habitações no Massapez, Calheta. Foi necessária a evacuação da povoação que se encontrava no sopé da arriba e a intervenção na vertente, pela autoridades competentes, por modo a remover os materiais que ameaçavam cair.

No mês de **Mai**, no dia **13**, toneladas de rocha e entulho desprenderam-se da escarpa no sítio dos Anjos, Ponta do Sol levando terrenos de cultivo e destruindo três poços de rega que apoiavam a agricultura. Também na Marina do Lugar de Baixo as pedras caíram.

A **18**, uma quebrada no Sítio dos Poços, Arco de São Jorge, destruiu um automóvel e o condutor teve que ser hospitalizado por apresentar ferimentos.

Em **Julho**, um desabamento na Praia da Maiata (Porto da Cruz), deixou três indivíduos retidos a noite na praia, que impediu o seu regresso pela vereda, no dia **2**. No dia **5**, na Fajã do Arco da Calheta, por baixo da fenda do Massapez uma pedra com algumas proporções caiu.

A **29** de **Agosto**, ao longo da Marginal da **Ribeira Brava**, três viaturas ficaram danificadas na sequência de uma pequena desabamento que aconteceu, na marginal da Ribeira Brava. A queda de blocos danificou os veículos estacionados que sofreram a mossa na

chaparia, havendo danos nos pára-brisas de um dos veículos. No dia seguinte (**30**) na Marina do Lugar de Baixo (Ponta do Sol), um desabamento, com terras e pedras, que se espalharam ao longo da via pedonal entre a piscina e a arriba.

No mês de **Outubro**, no dia **3**, uma queda de blocos provenientes de um talude esmagou quase por completo um automóvel e atingiu dois outros que se encontravam estacionados na Marginal da Calheta, causando danos avultados. A **5** do mesmo mês, verificou-se queda de blocos no litoral do Funchal, mais precisamente na “promenade” entre o Lido e o Centromar

No dia **23**, entre São Vicente e o Seixal, um desabamento levou à morte dois turistas. A desabamento arrastou o veículo onde seguiam para o mar. A estrada foi cortada ao trânsito. No dia seguinte (**24**), ocorreu na via expresso que liga São Vicente ao Porto Moniz, à saída do túnel do Pacheco um desabamento que obrigou ao corte de estrada. A esta seguiu-se outro desprendimento na proximidade desta quando se procediam aos trabalhos de limpeza.

Uma grande quantidade de terra desprendeu-se, danificou e soterrou parcialmente uma residência no Sítio do Salão Lombada (Santa Cruz), no dia **28**.

No dia de Todos os Santos (**1 Novembro**), “bastou meia hora de chuva e logo os estragos foram visíveis, quer na baixa funchalense, quer nas zonas altas da capital” (DNM, 2 Nov. 2006). Um desprendimento de pedras na Levada dos Moinhos, junto à 5 de Outubro, e outra queda de blocos entre as Babosas e o Jardim Botânico levou a que a vereda ficasse interrompida. No Caminho da Hortelã, Palheiro Ferreiro, um desprendimento de terras arrastou uma viatura e soterrou-a.

Em Câmara de Lobos uma rua ficou parcialmente destruída, enquanto um armazém e uma residência ficaram inundados. No Sítio das Fontes (Estreito de Câmara de Lobos) uma pequena desabamento provocou vários buracos no asfalto.

A **3** de **Novembro** na Ribeira do Inferno (Estreito de Câmara de Lobos), um desabamento atingiu uma viatura que circulava naquele local. Uma outra desabamento no Funchal, na estrada da Achada, obstruiu a mesma. A **16** do mesmo mês, assistiu-se no Sítio dos Anjos (Ponta do Sol) à queda de blocos para a via pública. Sete dias mais tarde (**23**) caiu uma pedra de grandes dimensões e provocou um enorme congestionamento no trânsito na Ponte João Gomes. O pedregulho desprendeu-se de uma parede junto às obras que decorrem na ponte de João Gomes e alojou-se na estrada impedindo de imediato a circulação automóvel.

● 2007

Neste ano voltaram-se a verificar situações dignas de destaque.

A **19** de **Janeiro**, toneladas de pedra e terra destruíram durante a madrugada uma secção da “promenade” na Praia Formosa. Entre 15 a 20m da estrutura de betão suspensa ficaram completamente soterrados e irremediavelmente desfeitos. Nos dias **30** e **31** de **Janeiro** a marina do Lugar de Baixo voltou a ser “atacada” pela fúria das ondas. O mar alteroso galgou a barreira de protecção. Também na **Ribeira Brava** a forte ondulação fez estragos em dois carros estacionados no cais da vila.

Várias pedras caíram do talude sobranceiro à “promenade” entre a Ribeira do Natal e o Caniçal.

Em **Fevereiro**, no dia **19**, várias pedras, algumas de grande dimensão, desprenderam-se de uma ravina junto ao Parque de Contentores da Cancela.

A chuva intensa que caiu nos dias **7** e **8** de **Abril** provocou pequenas inundações no Funchal. No caminho dos Saltos, freguesia do Monte, duas casas foram alagadas. O mau tempo também provocou inundações em alguns parques de estacionamento do Funchal.

Ainda em **Abril**, nos dias **10** e **11**, em resultado das chuvas, verificou-se queda de algumas pedras na estrada de acesso ao Curral das Freiras, condicionando o trânsito.

Em vários pontos da cidade, alguns estabelecimentos comerciais e ruas encontravam-se enlameados e o túnel da “cota 40” inundado. No Campanário, também houve uma pequena inundação

A ondulação de sudoeste e o vento forte, que durante o dia **14** de **Abril** se fizeram sentir na **Ribeira Brava**, provocaram vários rombos no novo cais da vila.

A **21** de **Mai**o, a Estrada Regional entre São Vicente e Porto Moniz esteve encerrada pela manhã devido a um desabamento ocorrida junto ao túnel da Ladeira da Vinha. A **23** a estrada da via expresso que liga a Ribeira da Janela e o Porto Moniz esteve interrompida também, devido, a um desabamento que ocorreu junto ao túnel da Fajã do Manuel no sentido Porto Moniz – Seixal.

A **27** do mesmo mês, “algumas dezenas de participantes, entre os quais um grupo de crianças e também de idosos que “davam à perna” na 3ª Marcha pelo Coração foram subitamente surpreendidos por mais um desabamento” (DNM, 22 Maio, 2007) na estrada marginal entre a **Ribeira Brava** e a **Tabua**.

No mês de **Outubro**, somente três situações a registar. A primeira no dia **12**, tendo levado ao encerramento da Estrada Regional 101 entre São Vicente e Porto Moniz devido a vários desabamentos que continuaram a condicionar a circulação naquela área muito procurada por turistas. A segunda, a **26**, quando um desabamento atingiu na antiga Estrada Regional 101, no sítio da Fajã (Arco da Calheta). O desprendimento das pedras ocorreu exactamente na área onde terminou a intervenção que visou o desmantelamento da arriba do Massapez. A estrada foi interrompida.

No mês de **Novembro**, a **17**, casas inundadas, estradas intransitáveis e viaturas danificadas. Foi balanço do temporal que nesse dia assolou a Região.

No dia **20, 21 e 22** do mesmo mês, o troço da Estrada Regional 105, entre a Encumeada e o sítio dos Estanquinhos (cruzamento com a estrada regional 209), foi encerrada devido à queda de blocos.

Um desabamento na estrada José Avelino Pinto impediu a passagem de viaturas. Esta ocorrência, a par de pequenas inundações e desabamentos, foram uma constante na capital madeirense. Houve inundações na Rua Nova Pedro José de Ornelas (por duas vezes), no túnel da Cota 40 (Francisco Franco), no Largo das Fontes e numa residência no Caminho do Pasto. Assinalaram-se também queda de blocos e terra na estrada da Fundoa e um desabamento na Rua da Quinta dos Reis.

Um desabamento de grandes dimensões encerrou a estrada da Tranquada na freguesia da Ilha (Santana). Também um desabamento de grandes pedras atingiu o laboratório das oficinas de mecânicas da construtora Tâmega instalada na zona do Parque Industrial da Zona Oeste do Funchal na Ribeira dos Socorridos provocando a morte a dois trabalhadores que ficaram soterrados, enquanto um sofreu apenas ferimentos ligeiros. Um desabamento destruiu ainda várias viaturas (entre 30 a 40 veículos) uma parte das traseiras da sede da Tâmega e arrasou um laboratório, uma oficina, e uma conduta de abastecimento de água, o que afectou cerca de 50 por cento da população do Funchal, tendo a Investimentos e Gestão de Água construído uma alternativa.

No dia **24**, na estrada Conde Carvalhal, constatou-se um caso de queda de blocos.

● 2008

Nos dias **16 e 17** de **Fevereiro**, lama e muitas pedras, algumas de grande tamanho, encontravam-se ao longo de uma estrada no sítio da Caldeira, na Tabua.

Durante este mês, um deslizamento de terras, na altura em que começou a ser construído o Complexo Comercial do Grupo Sá, em Machico, apanhou de surpresa todos os técnicos envolvidos no trabalho. Várias casas começaram a apresentar pequenas fissuras. À medida que os trabalhos foram avançando as fendas aumentaram de tamanho. Foi necessário realojar e desenvolver técnicas de manutenção da vertente. A **29**, uma enorme desabamento na antiga Estrada Regional 101 no troço compreendido entre o Véu da Noiva e o Seixal provocou o fecho desta estrada ao trânsito.

No mês de **Março**, verificou-se um deslizamento de terras no dia **9**, no Trapiche onde parte da estrada cedeu. No dia **30**, parte do talude sobranceiro ao Caminho da Maiata, no Porto da Cruz, desabou, levando a estrada sobranceira a encerrar.

Nos dias **7, 8, 9** de **Abril**, em consequência do mau tempo e forte ondulação que assolaram a costa sul da ilha, o cais do “calhau” da Lapa na freguesia do Campanário, acabou por ser fortemente afectado, tendo a parte mais exterior do pequeno ancoradouro sido destruída, impedindo que as embarcações pudessem aportar.

Queda de blocos pela manhã do dia 8 para a estrada na rua das Rosas no Funchal, levou à obstrução da estrada. Também na Madalena do Mar, o mar fez encerrar a estrada da entre a Calheta e Ponta do Sol, nesta última vila as ondas ultrapassaram o restaurante situado junto ao cais. A marina do Lugar de Baixo voltou igualmente a ser fustigada pelas ondas. Na Ribeira Brava, apesar do entulho no interior do enrocamento, a ondulação chegou igualmente a galgar o paredão do passeio marítimo.

Em São Vicente, o forte temporal provocou a destruição parcial de alguns terrenos agrícolas mais próximos do leito das ribeiras.

Mais de 50 casais ficaram durante dois dias presos por causa de um desabamento que caiu na Estrada da Terra Chã, Curral das Freiras (Câmara de Lobos). Foi preciso desobstruir a estrada.

Na Corujeira, Monte, um outro desabamento impediu uma pessoa de sair de sua casa.

A chuva forte levou a uma série de inundações um pouco por toda a cidade. Além de adufas levantadas, com residências, o túnel da “cota 40” e até um hotel inundados.

A ondulação que se fez sentir de manhã também causou estragos em alguns complexos balneares no litoral do Funchal, nomeadamente nos complexos do Lido, Barreirinha e Ponta Gorda.

No sítio da Fajã das Galinhas, freguesia do Estreito de Câmara de Lobos, por causa da queda de blocos para a estrada a população ficou isolada.

No dia **29**, um deslizamento de terras provocou o encerramento do Caminho Pico Infante, na freguesia do Monte (Funchal).

No mês de **Maio**, a **27, 28, 29**, verificou-se a queda de blocos na Praia Formosa.

Em **Junho**, dia **19**, um desabamento, no sítio do cascalho, Lombada (Ponta do Sol), destruiu parcialmente a estrada, atingindo três carros e levando ao encerramento da estrada. **5** pedras de grandes dimensões, uma das quais, com várias toneladas de peso, desprenderam-se da encosta, tendo algumas rebolado até ao quintal de uma residência, provocando estragos na cobertura e tendo, pelo caminho, arrasado uma pequena horta. Um pequeno palheiro que servia de arrecadação foi soterrado por completo na Tabua. Parte do muro do complexo, onde está instalada a Estação de Tratamentos de Águas Residuais da Tabua, também foi atingido.

A **4** de **Novembro**, registou-se a queda de blocos no Pico das Cruzes (Funchal), a queda de um pedregulho provocou danos em duas casas.

No mês seguinte, nos dias **1** e **2** de **Dezembro**, um deslizamento de terras no Estreito, levou ao despiste de moto e a um despiste de automóvel. A **12** do mesmo mês um desabamento no Curral dos Romeiros (Funchal).

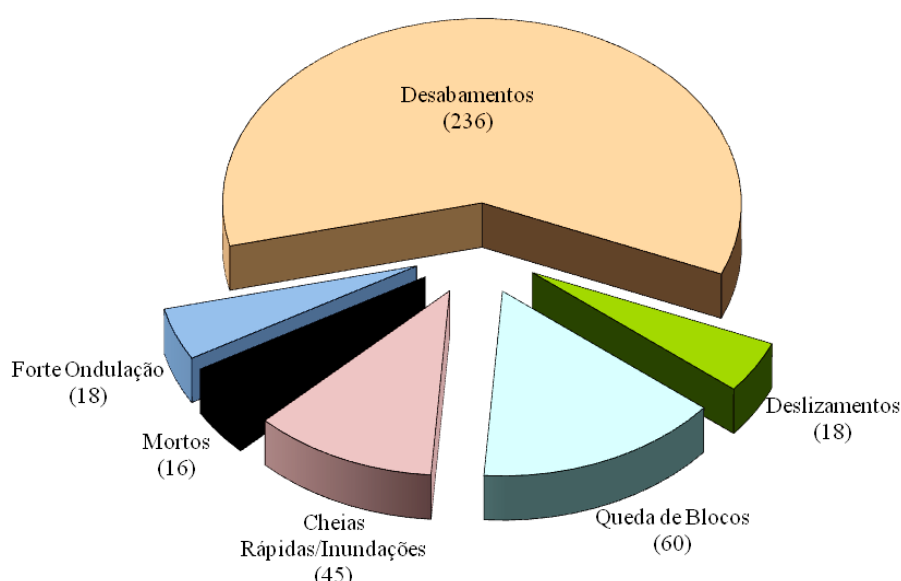


Gráfico 50 – Total de Eventos e Mortos Registrados na Ilha da Madeira no Período de 2000 a 2008

Fonte: Diário de Notícias da Madeira, Quintal (1999)

Em suma, em apenas 8 anos do século XXI, já se verificaram 236 desabamentos, 60 quedas de blocos, 45 cheias rápidas, 18 deslizamentos e 18 fortes ondulações. Destas crises resultaram 16 mortos.

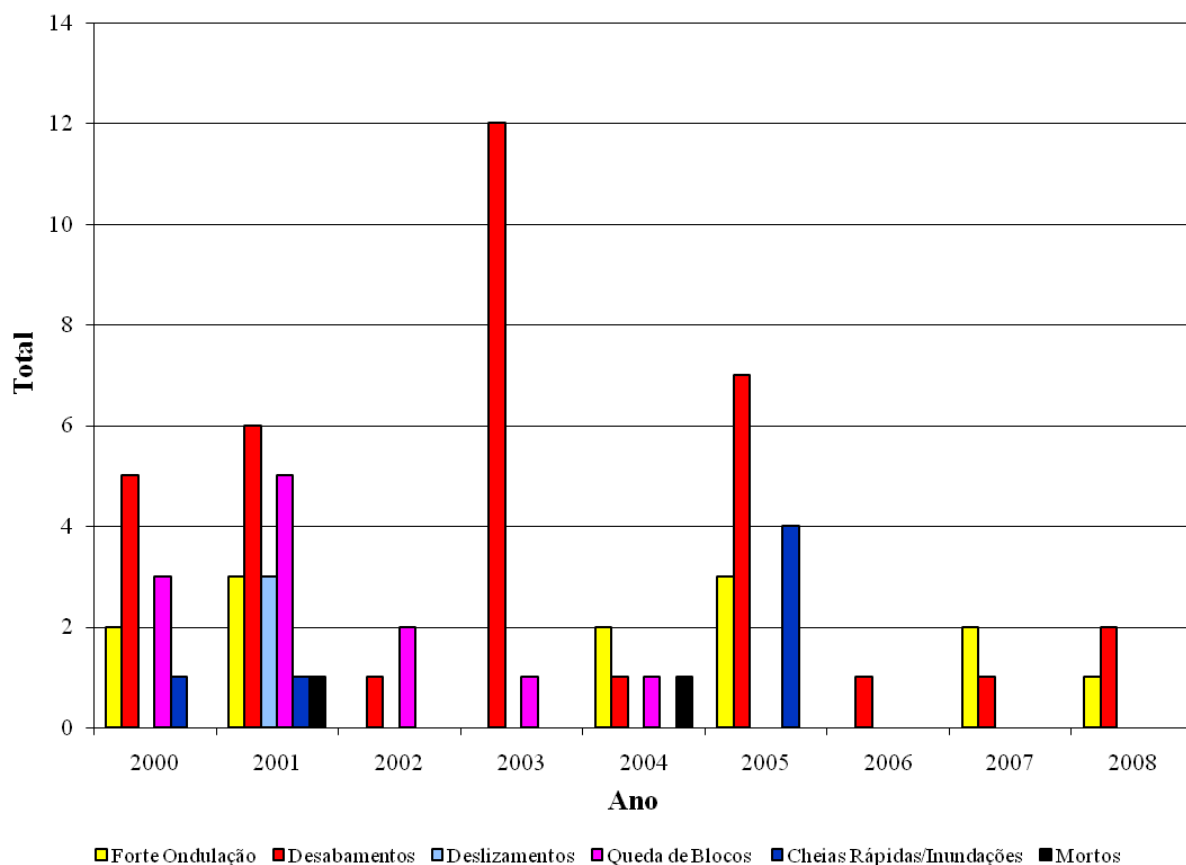


Gráfico 51 – Total de crises e de mortos registados no concelho da Ribeira Brava no período 2000 a 2008

Fonte: Diário de Notícias da Madeira, Quintal (1999)

No concelho da Ribeira Brava, nestes oito anos, verificamos pela análise ao gráfico 51, que ocorreram 13 fortes ondulações, 12 quedas de blocos, 35 desabamentos, 6 cheias rápidas, três deslizamentos. Destes eventos resultou um total de 2 mortos.

Como podemos constatar foi no ano de 2003 que mais se registaram desabamentos (12). O ano de 2005 foi aquele que registou o segundo maior número, 7 desabamentos. Em 2001 verificou-se o maior número de queda de blocos, num total de 5.

Pela análise do gráfico constata-se que o número de eventos protagonizados nestes 8 anos é maior nos anos 2000, 2001, 2003 e 2005 do que nos restantes.